

DESEMPENHO E 
PERSPECTIVAS 
DA INDÚSTRIA CATARINENSE 

2012

Realização:



Apoio:



BANCO REGIONAL DE
DESENVOLVIMENTO DO
EXTREMO SUL

DESEMPENHO E 
PERSPECTIVAS 
DA INDÚSTRIA CATARINENSE 
2012 



BANCO REGIONAL DE
DESENVOLVIMENTO DO
EXTREMO SUL

Elaboração

Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - FIESC
Diretoria de Relações Industriais e Institucionais
Unidade de Política Econômica e Industrial - PEI

Equipe Técnica

Márcia Camilli
Graciella Martignago
Ana Lúcia Teixeira
Angelita V. Vieira Helayel
Pablo Setubal

Programação

Jorge Guirguis

Revisão

Sérgio Ribeiro

Direção de arte

Luiz Acácio de Souza

Edição de arte

João Henrique Moço

F293d FEDERAÇÃO das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Diretoria de
Relações Industriais e Institucionais. Unidade de Política Econômica
e Industrial.

Desempenho e perspectivas da indústria catarinense: investimentos
industriais 2011-2014: a economia em 2011 e perspectivas para 2012.
Florianópolis: FIESC, 2000-
v. 12

1. Investimentos industriais – Santa Catarina. 2. Comportamento industrial -
Santa Catarina. I. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina.
Unidade de Política Econômica e Industrial.

CDU 330.3(816.4)"2011-2014"

FIESC

Rodovia Admar Gonzaga, 2.765 - Itacorubi - Florianópolis/SC. CEP 88034-001
Fone: (48) 3231-4279 - Fax: (48) 3334-0608
e-mail: fiesc-pei@fiescnet.com.br
www.fiescnet.com.br

Apresentação	5
Investimentos da indústria catarinense – 2011 a 2014	7
Investimentos realizados em 2011	8
Fonte dos recursos dos investimentos realizados em 2011	11
Proporção do faturamento utilizado nos investimentos em 2011	12
Fatores que impactaram em 2011	12
Investimentos futuros – 2012 a 2014	14
Fonte dos recursos para os investimentos futuros	15
Investimentos anunciados para 2012	16
Investimentos anunciados para 2013	16
Investimentos anunciados para 2014	17
Investimentos anunciados para 2012, 2013 e 2014	17
Investimentos a serem realizados em 2012	18
Finalidades dos Investimentos até 2014	19
Investimentos adicionais	20
Investimentos na esfera nacional	20
Pró-Emprego e PRODEC	21
Desembolsos BRDE	24
Desembolsos BNDES	25
Conclusão	27
A Economia em 2011 e Perspectivas para 2012	29
Economia internacional	30
Economias avançadas.....	30
Economias emergentes e em desenvolvimento	31
<i>Commodities</i>	31
Economia brasileira	34
Preços	34
Câmbio	35
Produto Interno Bruto	36
Vendas do comércio	38
Atividade industrial	39
Emprego	42
Comércio exterior	42
Economia catarinense	43
Atividade industrial	43
Emprego	49
Comércio varejista.....	49
Balança Comercial	50
Perspectivas 2012	53
Projeções econômicas: Brasil	55

APRESENTAÇÃO

É cada vez mais evidente o esforço das indústrias para manter a competitividade e garantir participação no mercado. Algumas estratégias utilizadas para o alcance dos objetivos têm sido a busca por maior eficiência nos processos, maior qualidade nos produtos e serviços, atualização tecnológica e inovação. Essas e outras finalidades que norteiam os investimentos industriais são apresentadas nesta publicação *Desempenho e Perspectivas da Indústria Catarinense*.

O estudo, realizado com o apoio do BRDE, está em sua 12ª edição. Nele constam informações sobre os investimentos efetuados pela indústria catarinense em 2011 e a previsão para o triênio 2012-2014, com base nas respostas prestadas por empresas que responderam à pesquisa, entre fevereiro e abril de 2012.

O trabalho contempla, ainda, dados sobre o comportamento econômico em 2011 e perspectivas para 2012, abordando temas como comércio internacional, emprego, vendas e produção.

Com isso, a FIESC cumpre com o seu papel de contribuir com informações estratégicas para subsidiar planejamentos e decisões visando a melhorar o ambiente de negócios e gerar maior competitividade para a indústria catarinense.

Glauco José Côrte

PRESIDENTE DO SISTEMA FIESC

* O QUE O SEU CAFÉ DA MANHÃ
TEM A VER COM A INDÚSTRIA?



mercado

A indústria transforma a sua vida.

A FORÇA E A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA CATARINENSE ESTÃO PRESENTES EM TODOS OS MOMENTOS DO SEU DIA. PRATICAMENTE TODOS OS PRODUTOS QUE FAZEM PARTE DO SEU COTIDIANO, DE UMA FORMA OU DE OUTRA PASSAM POR AQUI. É A NOSSA INDÚSTRIA FAZENDO PARTE DO SEU DIA A DIA, POR TODOS OS LADOS.

FIESC
CIESC
SESI
SENAI
IEL

Sistema
FIESC

A FORÇA DA INDÚSTRIA CATARINENSE

www.fiescnet.com.br

Investimentos da Indústria Catarinense

2011 a 2014

Investimentos realizados em 2011

Em 2011 a economia catarinense perdeu dinamismo em função do agravamento da crise na Zona do Euro, do menor crescimento dos Estados Unidos, da grande entrada de produtos importados no mercado nacional e em função dos problemas estruturais internos que continuaram afetando a competitividade industrial. O Índice de Atividade, medido pelo Banco Central do Brasil e que engloba os setores agropecuário, indústria, comércio e serviços, registrou crescimento de 2,6% para Santa Catarina em 2011, contra 6,1% no ano anterior.

A produção industrial catarinense apresentou declínio de 5,1% em relação a 2010 e as vendas cresceram 2,5%. Ocorreu trajetória contrária entre os dois indicadores, podendo ser explicada por vendas de estoques, aumento do conteúdo importado nos produtos fabricados e aumento de preços via agregação de valor. Intensificou-se o debate em torno da desindustrialização.

A proporção de indústrias de Santa Catarina que investiram foi menor no ano de 2011 que em 2010, com 78,4% contra 83,2%, respectivamente. Apesar de menos indústrias investindo em 2011, o valor utilizado foi 27,5% maior. As indústrias catarinenses pesquisadas pela FIESC investiram R\$ 1.355 milhões em 2010 e R\$ 1.728 milhões em 2011, valor acima da média anual dos últimos cinco anos, que foi de R\$ 1.582 milhões.

Das indústrias catarinenses que investiram em 2011, 51,4% o fizeram conforme o planejado, 14,4% investiram além do que havia sido previsto, 27,9% realizaram investimentos de maneira parcial, adiando uma parte para 2012, e 6,3% cancelaram momentaneamente.

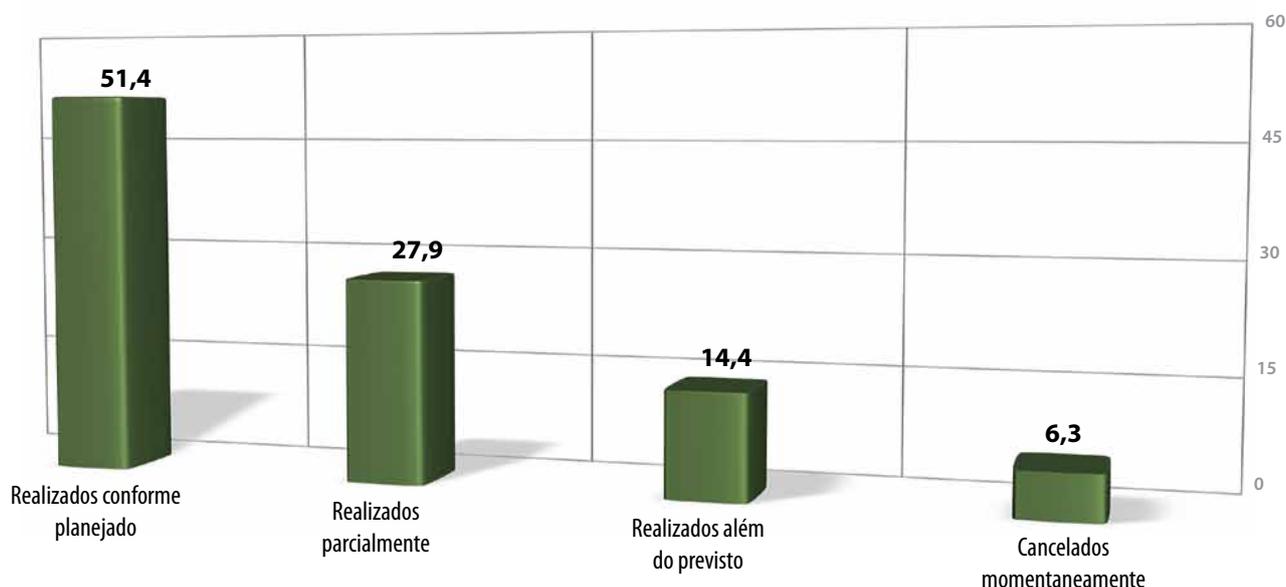
Proporção de indústrias catarinenses que realizaram ou não investimentos em 2011

Segmentos de atividade	Nº de indústrias informantes	SIM (%)	NÃO (%)
Produtos Alimentícios e Bebidas	11	90,9	9,1
Produtos Têxteis	13	76,9	23,1
Confecções de Artigos do Vestuário e Acessórios	10	60,0	40,0
Couros e Artigos de Viagem	1	0,0	100,0
Produtos de Madeira	13	50,0	50,0
Celulose, Papel e Produtos de Papel	7	100,0	0,0
Edição, Impressão e Reprodução de Gravações	2	100,0	0,0
Produtos Químicos	6	83,3	16,7
Artigos de Borracha e Plástico	7	85,7	14,3
Produtos de Minerais não Metálicos	8	75,0	25,0
Metalurgia Básica	5	80,0	20,0
Produtos de Metal - exceto máquinas	2	100,0	0,0
Máquinas e Equipamentos	10	100,0	0,0
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	3	100,0	0,0
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	3	100,0	0,0
Veículos Automotores	4	50,0	50,0
Artigos do Mobiliário	10	60,0	40,0
Produtos Diversos	1	100,0	0,0
Tecnologia, automação, informática	10	90,0	10,0
TOTAL	126	78,4	21,6

Fonte: FIESC/PEI

Os investimentos em 2011 foram realizados conforme planejado?

(% de respostas)



Fonte: FIESC/PEI

As principais razões apontadas para a não realização de investimentos em 2011 ou sua realização parcial foram: a crise no mercado europeu, a instabilidade do mercado doméstico face às importações, a demanda reprimida, a restrição do crédito, a redução de vendas e preço abaixo do ideal, pela falta de recursos financeiros, devido à conjuntura econômica, desvalorização do dólar, em função de os investimentos terem sido feitos no ano anterior, pela capacidade instalada estar adequada para atender o planejamento da empresa, pela demora nas liberações das licenças ambientais, incerteza quanto ao retorno do investimento, alta dos custos da mão de obra e insumos, prioridade à quitação de dívidas anteriores e mudanças ocorridas no mercado consumidor.

O total investido pelas indústrias catarinenses em 2011 foi de R\$ 1,7 bilhão, sendo R\$ 1,4 bilhão em Santa Catarina, R\$ 342,9 milhões em outros estados e R\$ 18,7 milhões no exterior. Em Santa Catarina foram alocados 79% dos investimentos no ano de 2011 e em outros estados 19,8%. Alguns dos estados que receberam investimentos foram: São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Ceará, Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro, Amazonas, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo. No exterior deve-se citar: Estados Unidos, México, Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, Paraguai, Peru, Emirados Árabes, Índia, China, África do Sul e países da Europa.

“Estamos num país onde oportunidades não faltam. Pena que a vontade política deixa a desejar e a corrupção infelizmente é nossa grande sombra para podermos ser um país de primeiro mundo”.

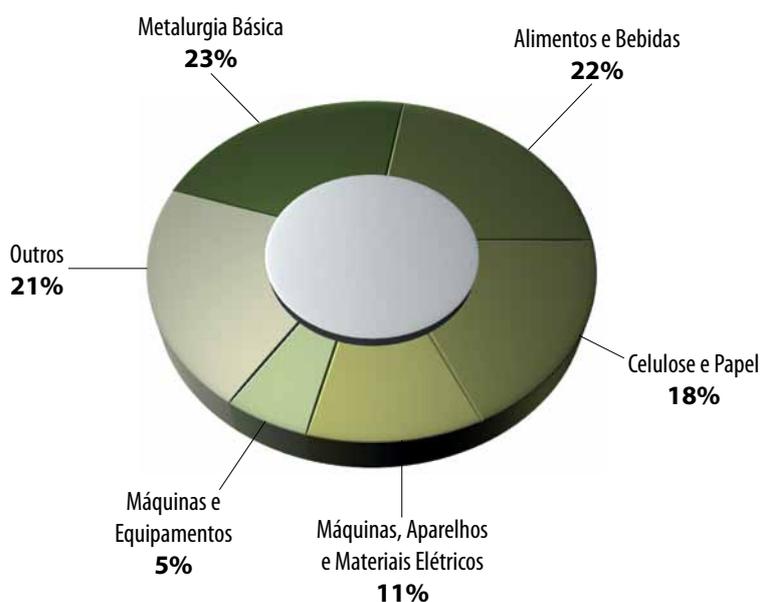
Empresário do segmento do vestuário.

Valor investido em 2011 pelas indústrias catarinenses

Segmentos de Atividade	Em SC (R\$)	Em outros estados (R\$)	No exterior (R\$)	Total (R\$)
Produtos Alimentícios e Bebidas	218.123.679,79	164.568.567,05	0,00	382.692.246,84
Produtos Têxteis	33.869.151,60	13.391.517,63	278.000,00	47.538.669,23
Confecções de Artigos do Vestuário	61.403.436,53	21.439.870,79	0	82.843.307,32
Couros e Artigos de Viagem	0	0	0	0
Produtos de Madeira	11.709.205,48	629.600,00	0	12.338.805,48
Celulose, Papel e Produtos de Papel	308.279.881,13	8.000.000,00	0	316.279.881,13
Edição, Impressão e Repr. de Gravações	6.550.000,00	0	0	6.550.000,00
Produtos Químicos	23.719.882,36	2.463.941,68	0	26.183.824,04
Artigos de Borracha e Plástico	13.437.860,00	12.000.000,00	0	25.437.860,00
Produtos de Minerais não Metálicos	48.086.811,70	11.447.000,00	100.000,00	59.633.811,70
Metalurgia Básica	348.052.796,39	42.288.452,69	0	390.341.249,08
Produtos de Metal – exceto máquinas	18.000.000,00	2.000.000,00	0	20.000.000,00
Máquinas e Equipamentos	90.849.813,20	0	0	90.849.813,20
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	109.915.000,00	60.000.000,00	16.900.000,00	186.815.000,00
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	29.677.000,00	1.718.000,00	1.000.000,00	32.395.000,00
Veículos Automotores	7.445.935,00	0	0	7.445.935,00
Artigos do Mobiliário	29.062.848,49	2.608.684,20	0	31.671.532,69
Produtos Diversos	2.000.000,00	0	0	2.000.000,00
Tecnologia, automação, informática	6.636.755,30	332.000,00	400.000,00	7.368.755,30
TOTAL	1.366.820.056,97	342.887.634,04	18.678.000,00	1.728.385.691,01

Fonte: FIESC/PEI

Os segmentos de atividade líderes em investimentos no ano de 2011 foram: Metalurgia Básica, responsável por 22,6% do total dos investimentos; Produtos Alimentícios e Bebidas, responsável por 22,1%; Celulose e Papel, por 18,3%, e Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos, por 10,8%. Em termos de valor médio investido por empresa, deve-se destacar em 2011 o segmento de Metalurgia Básica.

Participação dos gêneros de atividade nos investimentos em 2011


Fonte: FIESC/PEI

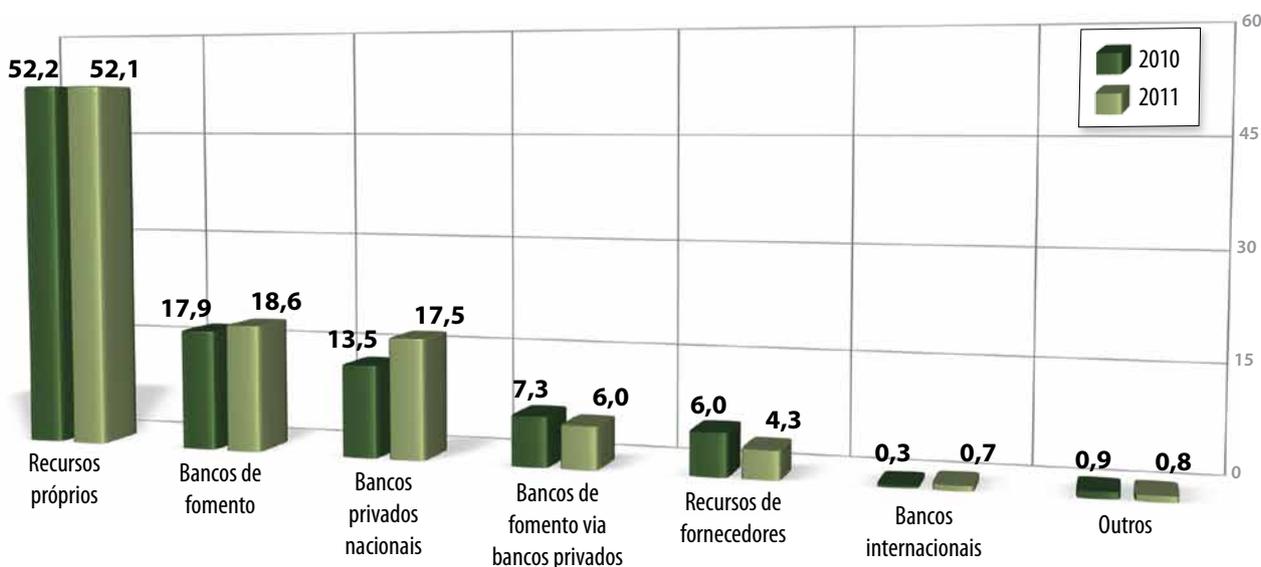
Fonte dos recursos dos investimentos realizados em 2011

A preferência dos empresários continuou sendo a utilização de recursos próprios nos investimentos, em uma proporção semelhante à do ano anterior (52,1% em 2011 contra 52,2% em 2010). A captação de recursos nos bancos de fomento registrou leve aumento, passando de 17,9% em 2010 para 18,6% do total investido em 2011. Já acréscimo mais significativo ocorreu em bancos privados nacionais, onde em 2010 foram obtidos 13,5% dos recursos e 17,5% em 2011.

O capital próprio continua sendo preferência, devido a aspectos como: menor custo financeiro, restrição do crédito, excesso de burocracia na obtenção de recursos via BNDES/FINEP e rigor na quantificação das garantias, juros elevados, falta de financiamentos de longo prazo para máquinas e equipamentos importados, por existir disponibilidade de caixa na empresa, morosidade da aprovação dos projetos via bancos de fomento, pelos investimentos serem de pequeno porte, por estratégia própria da empresa em não operar com recursos de terceiros, para evitar endividamento de longo prazo e por falta de licenças ambientais para pleitear linhas de crédito com custos baixos.

Origem/fonte dos recursos financeiros em 2010 e 2011

(% de respostas)



Fonte: FIESC/PEI

Obs.: não ocorreu captação de recursos junto a terceiros e por abertura de capital/ações.

Proporção do faturamento utilizado nos investimentos em 2011

Em média, as indústrias catarinenses utilizaram 5,57% de seu faturamento para investimentos em 2011 contra 4,34% no ano anterior. Alguns segmentos de atividade ultrapassaram essa média de 5,57%, com destaque para Celulose e Papel e Metalurgia Básica.

Proporção do faturamento utilizado nos investimentos em 2011

Segmentos de atividade	2011		Investimentos sobre faturamento (%)
	Faturamento R\$	Investimentos R\$	
Produtos Alimentícios e Bebidas	7.234.456.854,98	382.692.246,84	5,29
Produtos Têxteis	1.483.423.146,07	47.538.669,23	3,20
Confecções de Artigos de Vestuário	2.676.482.188,49	82.843.307,32	3,10
Couros e Artigos de Viagem	293.166.263,99	0,0	0,00
Produtos de Madeira	312.371.746,43	12.338.805,48	3,95
Celulose, Papel e Produtos de Papel	2.695.320.518,24	316.279.881,13	11,73
Edição, Impress. e Repr. de Gravações	137.980.000,00	6.550.000,00	4,75
Produtos Químicos	546.951.839,35	26.183.824,04	4,79
Artigos de Borracha e Plástico	661.871.204,51	25.437.860,00	3,84
Produtos de Minerais não Metálicos	1.864.688.337,45	59.633.811,70	3,20
Metalurgia Básica	3.505.556.132,65	390.341.249,08	11,13
Produtos de Metal – exceto máquinas	415.670.059,00	20.000.000,00	4,81
Máquinas e Equipamentos	1.394.537.666,79	90.849.813,20	6,51
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	6.204.800.000,00	186.815.000,00	3,01
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	738.387.444,51	32.395.000,00	4,39
Veículos Automotores	260.944.041,64	7.445.935,00	2,85
Artigos do Mobiliário	473.451.078,25	31.671.532,69	6,69
Produtos Diversos	31.000.000,00	2.000.000,00	6,45
Tecnologia, automação, informática	114.968.144,32	7.368.755,30	6,41
TOTAL	31.046.026.666,67	1.728.385.691,01	5,57

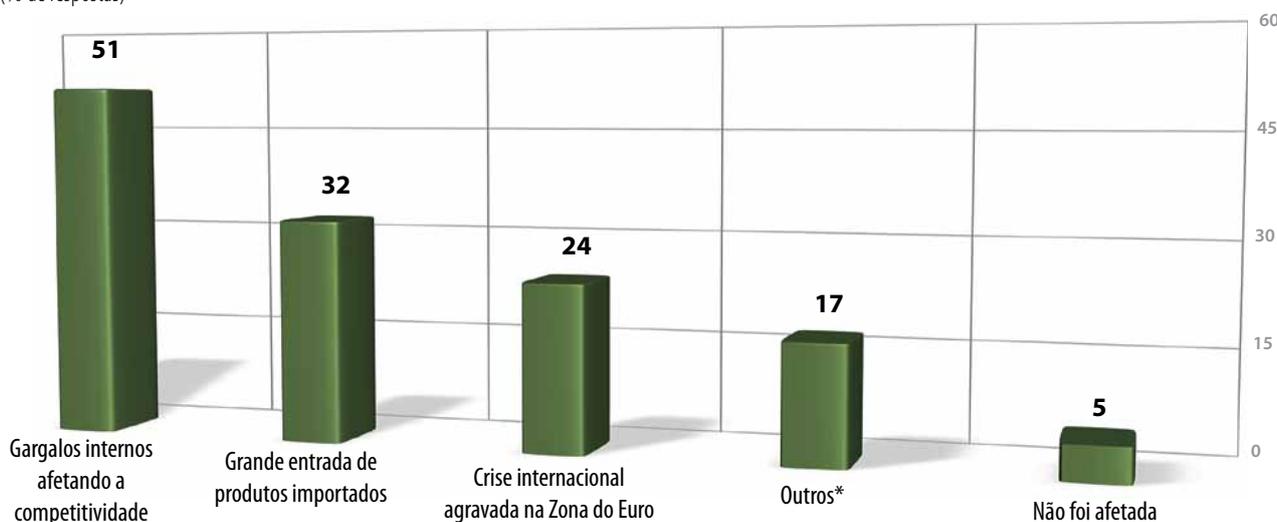
Fonte: FIESC/PEI

Fatores que impactaram em 2011

Segundo os industriais catarinenses os fatores que afetaram mais a empresa em 2011 foram os gargalos internos com reflexos na competitividade (custos logísticos, tributários etc.) de acordo com 51% das assinalações. Em seguida foram apontadas a grande entrada de produtos importados no mercado nacional, com 32% de respostas, e a crise internacional agravada na Zona do Euro, com 24%.

Fatores que mais afetaram a empresa em 2011

(% de respostas)



Fonte: FIESC

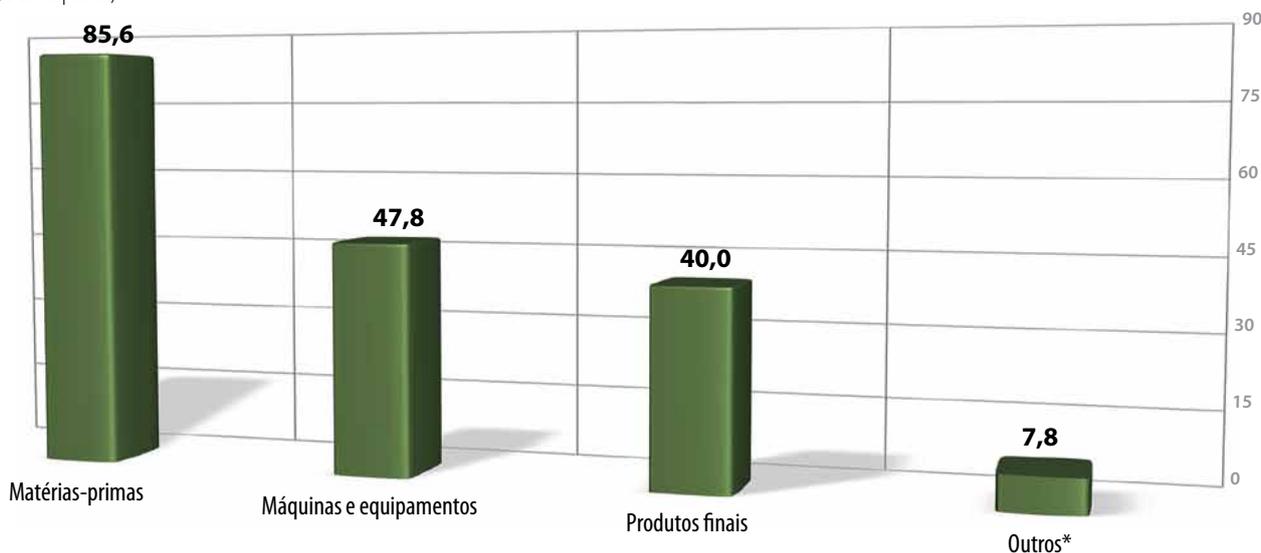
Obs: questão de múltipla escolha.

*Outros: baixa demanda, falta de capital de giro e crédito, câmbio, enchentes, falta de mão de obra especializada, grandes concorrentes e concorrência desleal, falta de licitações públicas.

Grande parte das médias e grandes indústrias catarinenses participantes da pesquisa realizaram importações em 2011, ou seja, 73% delas. A maior parte das importações realizadas foi de matérias-primas, seguindo-se máquinas e equipamentos e produtos finais.

Produtos mais importados pelas indústrias em 2011

(% de respostas)



Fonte: FIESC

Obs.: questão de múltipla escolha.

*Outros: insumos, inclusive embalagem, peças diversas para manutenção de máquinas e equipamentos e materiais para pesquisa.

Consultados sobre sugestões de incentivos fiscais para a indústria catarinense, os industriais citaram ser necessário:

- Redução da alíquota interna de ICMS para 12%, inclusive energia elétrica;
- Ampliação do prazo de recolhimento do ICMS e parâmetros do Prodec;
- Redução do ICMS sobre móveis produzidos e comercializados em Santa Catarina;
- Redução da alíquota do ICMS para a indústria do vestuário;
- Redução do ICMS nas compras de insumos para produtos alimentícios;
- Desoneração da aquisição de equipamentos;
- Permitir tal qual acontece no estado de São Paulo, o diferimento do ICMS na compra de insumos produzidos por empresas instaladas no estado de Santa Catarina;
- Unificar os impostos;
- Implementação de benefício para as empresas que passam por dificuldades e se encontram em recuperação judicial, durante esse período de crise;
- Desoneração dos impostos (PIS/COFINS/ICMS) nos investimentos devidamente cadastrados no FINAME;
- Transferência de ICMS entre empresa interdependente;
- Redução de carga tributária sobre a folha de pagamento (encargos trabalhistas);
- Redução nas alíquotas dos impostos;
- Incentivar as indústrias que já estão aqui instaladas, eliminando a colcha de retalhos de incentivos que só fazem desequilibrar a concorrência no mercado;
- Redução das taxas de juros para capital de giro e investimentos, mediante o compromisso de melhora das condições ambientais no trabalho;
- Não onerar a importação de insumos, somente de produtos finais;
- Desburocratizar e racionalizar os tributos.

Investimentos futuros – 2012 a 2014

As indústrias catarinenses participantes da pesquisa pretendem investir R\$ 3,6 bilhões até 2014, sendo a maior parte no ano de 2012. O valor previsto total, quando se concretizar, será maior, pois muitas indústrias na época da pesquisa, que ocorreu entre março e abril de 2012, ainda não possuíam informações dos valores de investimentos para 2013 e 2014.

Valor dos investimentos anunciados para os anos de 2012, 2013 e 2014

Local	2012 R\$	2013* R\$	2014* R\$	TOTAL R\$
Santa Catarina	1.598.496.327,23	781.903.873,76	738.844.500,00	3.119.244.700,99
Fora do estado	331.152.663,12	81.964.383,04	47.065.000,00	460.182.046,16
No exterior	61.350.000,00	1.000.000,00	1.000.000,00	63.350.000,00
TOTAL	1.990.998.990,35	864.868.256,80	786.909.500,00	3.642.776.747,15

Fonte: FIESC/PEI

*Obs.: parte das indústrias ainda não definiu valores para os investimentos a serem realizados nos anos de 2013 e 2014.

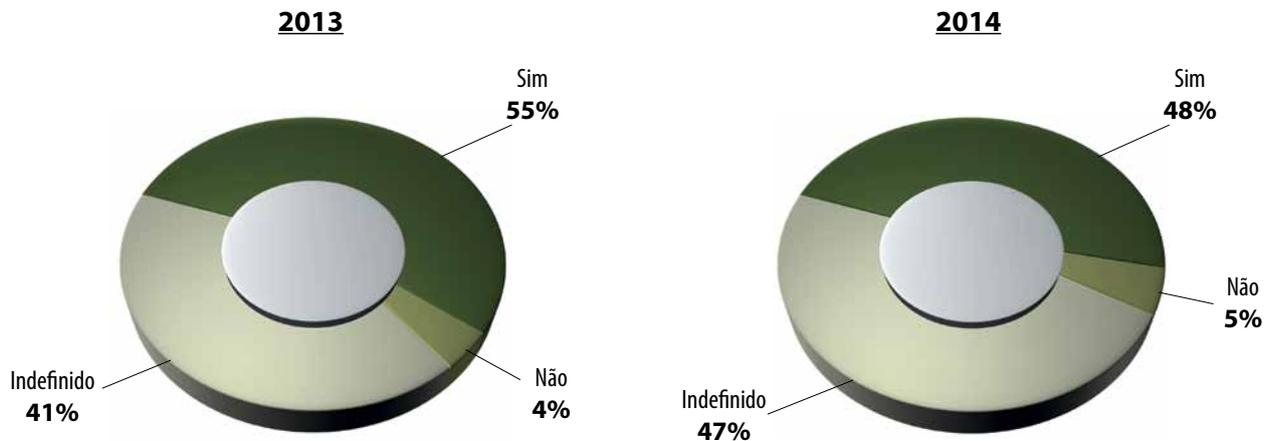
A parcela de indústrias que está disposta a investir em 2012 é de 72,6%, em 2013 de 55% e em 2014 de 48%. Quanto mais longo o período mais difícil realizar previsões, por isso os percentuais são menores nos dois últimos anos.

Estão previstos investimentos para 2012?

Segmentos de atividade	% de respostas		
	Sim	Não	Indefinido
Produtos Alimentícios e Bebidas	80,0	0,0	20,0
Produtos Têxteis	76,9	15,4	7,7
Confecções de Artigos do Vestuário	50,0	10,0	40,0
Couros e Artigos de Viagem	0,0	0,0	100,0
Produtos de Madeira	66,7	0,0	33,3
Celulose, Papel e Produtos de Papel	71,4	0,0	28,6
Edição, Impressão e Repr. de Gravações	50,0	0,0	50,0
Produtos Químicos	83,3	0,0	16,7
Artigos de Borracha e Plástico	71,4	0,0	28,6
Produtos de Minerais não Metálicos	75,0	0,0	25,0
Metalurgia Básica	100,0	0,0	0,0
Produtos de Metal – exceto máquinas	100,0	0,0	0,0
Máquinas e Equipamentos	80,0	0,0	20,0
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	66,7	0,0	33,3
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	100,0	0,0	0,0
Veículos Automotores	50,0	25,0	25,0
Artigos do Mobiliário	60,0	20,0	20,0
Produtos Diversos	0,0	0,0	100,0
Tecnologia, automação, informática	90,0	0,0	10,0
TOTAL	72,6	4,8	22,6

Fonte: FIESC/PEI

Estão previstos investimentos para 2013 e 2014?



Maiores investimentos no triênio 2012-2014 serão realizados pelas indústrias dos segmentos de Alimentos e Bebidas, Celulose e Papel, de Máquinas, Aparelhos, Materiais Elétricos e Metalurgia.

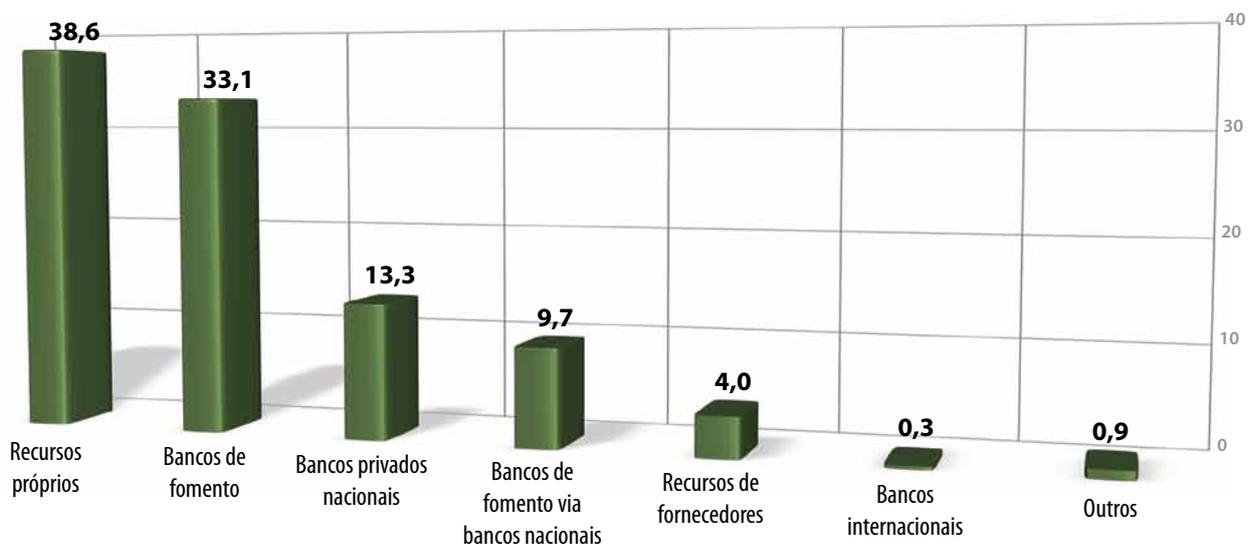
O total de empregos a serem gerados com os novos investimentos até 2014 é de 17,1 mil, sendo 12,5 mil em Santa Catarina e 4,6 mil fora do estado. A maior abertura de vagas está prevista no segmento de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos.

Fonte dos recursos para os investimentos futuros

As indústrias catarinenses pretendem utilizar em maior volume capital próprio como fonte de recursos para os investimentos futuros, numa proporção de 38,6% do total a ser investido. Percebe-se que a redução gradual da taxa de juros está motivando as indústrias a reduzirem a utilização de recursos próprios e a incrementarem a captação no sistema financeiro nacional. Em bancos de fomento serão captados 33,1% do total a ser investido nos próximos três anos.

Fonte dos recursos para os investimentos a serem realizados até 2014

(%)



Fonte: FIESC/PEI

Obs.: não ocorreram assinalações em captação de recursos junto a terceiros e por abertura de capital/ações.

Investimentos anunciados para 2012

Segmentos de Atividade	Santa Catarina R\$	Em outros estados R\$	No exterior R\$	Total R\$
Produtos Alimentícios e Bebidas	668.202.938,68	88.128.362,35	0	756.331.301,03
Produtos Têxteis	26.724.393,00	14.840.000,00	0	41.564.393,00
Confecções de Artigos do Vestuário	42.154.621,81	47.665.144,83	0	89.819.766,64
Couros e Artigos de Viagem	0	0	0	0
Produtos de Madeira	15.250.000,00	500.000,00	0	15.750.000,00
Celulose, Papel e Produtos de Papel	238.222.000,00	80.000.000,00	0	318.222.000,00
Edição, Impressão e Repr. de Gravações	50.000,00	0	0	50.000,00
Produtos Químicos	16.500.000,00	4.500.000,00	0	21.000.000,00
Artigos de Borracha e Plástico	9.172.000,00	10.000.000,00	0	19.172.000,00
Produtos de Minerais não Metálicos	55.100.000,00	10.150.000,00	50.000,00	65.300.000,00
Metalurgia Básica	151.945.000,00	36.789.000,00	0	188.734.000,00
Produtos de Metal – exceto máquinas	30.000.000,00	0	0	30.000.000,00
Máquinas e Equipamentos	65.502.600,00	0	0	65.502.600,00
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	203.900.000,00	32.400.000,00	60.300.000,00	296.600.000,00
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	29.650.000,00	600.000,00	0	30.250.000,00
Veículos Automotores	9.700.000,00	0	0	9.700.000,00
Artigos do Mobiliário	30.700.000,00	5.000.000,00	0	35.700.000,00
Diversos	0	0	0	0
Tecnologia, automação, informática	5.722.773,74	580.155,94	1.000.000,00	7.302.929,68
TOTAL	1.598.496.327,23	331.152.663,12	61.350.000,00	1.990.998.990,35

Fonte: FIESC/PEI

Investimentos anunciados para 2013

Segmentos de atividade	Santa Catarina R\$	Em outros estados R\$	No exterior R\$	Total R\$
Produtos Alimentícios e Bebidas	349.033.873,76	20.049.383,04	0	369.083.256,80
Produtos Têxteis	13.500.000,00	5.000.000,00	0	18.500.000,00
Confecções de Artigos do Vestuário	10.000.000,00	0	0	10.000.000,00
Couros e Artigos de Viagem	0	0	0	0
Produtos de Madeira	7.550.000,00	0	0	7.550.000,00
Celulose, Papel e Produtos de Papel	195.940.000,00	35.000.000,00	0	230.940.000,00
Edição, Impressão e Repr. de Gravações	100.000,00	0	0	100.000,00
Produtos Químicos	18.500.000,00	3.000.000,00	0	21.500.000,00
Artigos de Borracha e Plástico	8.376.000,00	12.000.000,00	0	20.376.000,00
Produtos de Minerais não Metálicos	16.860.000,00	5.740.000,00	0	22.600.000,00
Metalurgia Básica	10.500.000,00	0	0	10.500.000,00
Produtos de Metal – exceto máquinas	32.000.000,00	0	0	32.000.000,00
Máquinas e Equipamentos	42.503.000,00	0	0	42.503.000,00
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	4.000.000,00	0	0	4.000.000,00
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	29.981.000,00	750.000,00	0	30.731.000,00
Veículos Automotores	11.500.000,00	0	0	11.500.000,00
Artigos do Mobiliário	24.960.000,00	0	0	24.960.000,00
Diversos	0	0	0	0
Tecnologia, automação, informática	6.600.000,00	425.000,00	1.000.000,00	8.025.000,00
TOTAL	781.903.873,76	81.964.383,04	1.000.000,00	864.868.256,80

Fonte: FIESC/PEI

*Obs.: parte das indústrias ainda não definiu investimentos para o ano de 2013. Por isso os valores encontram-se baixos.

Investimentos anunciados para 2014

Segmentos de atividade	Santa Catarina R\$	Em outros estados R\$	No exterior R\$	Total R\$
Produtos Alimentícios e Bebidas	285.300.000,00	0	0	285.300.000,00
Produtos Têxteis	14.500.000,00	5.000.000,00	0	19.500.000,00
Confecções de Artigos do Vestuário	10.000.000,00	0	0	10.000.000,00
Couros e Artigos de Viagem	0	0	0	0
Produtos de Madeira	5.400.000,00	0	0	5.400.000,00
Celulose, Papel e Produtos de Papel	152.935.000,00	20.000.000,00	0	172.935.000,00
Edição, Impress. e Repr. de Gravações	50.000,00	0	0	50.000,00
Produtos Químicos	16.800.000,00	0	0	16.800.000,00
Artigos de Borracha e Plástico	11.021.000,00	15.000.000,00	0	26.021.000,00
Produtos de Minerais não Metálicos	13.360.000,00	5.740.000,00	0	19.100.000,00
Metalurgia Básica	10.500.000,00	0	0	10.500.000,00
Produtos de Metal – exceto máquinas	35.000.000,00	0	0	35.000.000,00
Máquinas e Equipamentos	39.003.500,00	0	0	39.003.500,00
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	8.000.000,00	0	0	8.000.000,00
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	45.425.000,00	800.000,00	0	46.225.000,00
Veículos Automotores	58.800.000,00	0	0	58.800.000,00
Artigos do Mobiliário	26.700.000,00	0	0	26.700.000,00
Diversos	0	0	0	0
Tecnologia, automação, informática	6.050.000,00	525.000,00	1.000.000,00	7.575.000,00
TOTAL	738.844.500,00	47.065.000,00	1.000.000,00	786.909.500,00

Fonte: FIESC/PEI

*Obs.: parte das indústrias ainda não definiu investimentos para o ano de 2014. Por isso os valores encontram-se baixos.

Investimentos totais anunciados para 2012, 2013 e 2014

Segmentos de atividade	Valores em R\$			
	2012	2013	2014	Total
Produtos Alimentícios e Bebidas	756.331.301,03	369.083.256,80	285.300.000,00	1.410.714.557,83
Produtos Têxteis	41.564.393,00	18.500.000,00	19.500.000,00	79.564.393,00
Couros e Produtos para Viagem	89.819.766,64	10.000.000,00	10.000.000,00	109.819.766,64
Confecções de Artigos do Vestuário	0	0	0	0,00
Produtos de Madeira	15.750.000,00	7.550.000,00	5.400.000,00	28.700.000,00
Celulose, Papel e Produtos de Papel	318.222.000,00	230.940.000,00	172.935.000,00	722.097.000,00
Edição, Impressão e Repr. de Gravações	50.000,00	100.000,00	50.000,00	200.000,00
Produtos Químicos	21.000.000,00	21.500.000,00	16.800.000,00	59.300.000,00
Artigos de Borracha e Plástico	19.172.000,00	20.376.000,00	26.021.000,00	65.569.000,00
Produtos de Minerais não Metálicos	65.300.000,00	22.600.000,00	19.100.000,00	107.000.000,00
Metalurgia Básica	188.734.000,00	10.500.000,00	10.500.000,00	209.734.000,00
Produtos de Metal – exceto máquinas	30.000.000,00	32.000.000,00	35.000.000,00	97.000.000,00
Máquinas e Equipamentos	65.502.600,00	42.503.000,00	39.003.500,00	147.009.100,00
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	296.600.000,00	4.000.000,00	8.000.000,00	308.600.000,00
Material Eletrônico, Aparelhos e Equipamentos de Comunicação	30.250.000,00	30.731.000,00	46.225.000,00	107.206.000,00
Veículos Automotores	9.700.000,00	11.500.000,00	58.800.000,00	80.000.000,00
Artigos do Mobiliário	35.700.000,00	24.960.000,00	26.700.000,00	87.360.000,00
Diversos	0	0	0	0,00
Tecnologia, automação, informática	7.302.929,68	8.025.000,00	7.575.000,00	22.902.929,68
TOTAL	1.990.998.990,35	864.868.256,80	786.909.500,00	3.642.776.747,15

Fonte: FIESC/PEI

*Obs.: parte das indústrias ainda não definiu investimentos para os anos de 2013 e 2014.

Investimentos a serem realizados em 2012

Dando maior ênfase aos investimentos a serem realizados em 2012, cujo valor previsto de R\$ 2 bilhões é 15% maior que o realizado em 2011, deve-se ressaltar que 80% ficarão em Santa Catarina, 17% serão realizados em outros estados e 3% no exterior.

A indústria alimentar será responsável por mais de um terço dos investimentos em 2012, principalmente em Santa Catarina. O segundo segmento industrial com maior previsão de investir em 2012 é Celulose e Papel. Na sequência deve-se citar Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos e Metalurgia Básica.

Do total de R\$ 1,6 bilhão a ser investido em Santa Catarina no ano de 2012, 42% será realizado pela indústria alimentar, 15% por Celulose e Papel e 13% por Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos.

Maior proporção de investimentos em outros estados será feita pelas indústrias alimentares e de celulose e papel. Os motivos apontados para a realização de investimentos em outras unidades da federação, inclusive por outros segmentos de atividade, são: abertura de novas lojas, instalação de filial, manutenção e melhoria do processo de produção, crescimento de mercado, melhoria de instalações e equipamentos em unidades da empresa localizadas fora de Santa Catarina, abertura de escritório comercial, para aumentar a proximidade a potenciais clientes, integrar a cadeia produtiva, melhorar a distribuição dos produtos, pelos incentivos fiscais, para aumentar a produção, manter plano de crescimento, realizar operações de marketing, ampliar e construir centro de distribuição avançado.

A indústria de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos continuará liderando os investimentos fora do país em 2012. Outros segmentos industriais também investirão no exterior tendo como motivos a busca de novos mercados, expansão da operação logística, para manter o plano de crescimento e com o objetivo de realizar operações de marketing.

Segundo 43,9% das indústrias consultadas, os investimentos previstos para 2012 têm por objetivo atender apenas o mercado interno. Para 53,3% a pretensão é de atender tanto o mercado interno quanto o externo e para 2,8% a finalidade é de só atender o mercado externo.

De acordo com 80,6% dos industriais a capacidade produtiva está adequada para atender a demanda prevista para 2012 e 19,4% acredita que não está. Mesmo estando adequada para a maioria dos informantes, 54% das indústrias consultadas possui intenção de ampliar a capacidade de produção em 2012.

Na opinião dos industriais, os fatores preocupantes em 2012 são: alta carga tributária, retração e incertezas do mercado, incremento das importações, valorização do real, endividamento da população, recessão na Europa e baixo crescimento dos Estados Unidos, juros elevados, falta de mão de obra especializada, lentidão nos processos nos órgãos estatais, ausência de barreiras tarifárias aos produtos chineses, burocracia para acesso ao crédito, aumento dos custos, precária infraestrutura de transporte, falta de capital de giro, inadimplência dos clientes, inflação, desindustrialização, preço das *commodities* e insumos em geral, encargos trabalhistas, corrupção, baixo crescimento da indústria, balança comercial em declínio e falta de matéria-prima. Além dos fatores citados que podem ter reflexos nos investimentos planejados para 2012, foram mencionados ainda a burocracia, a morosidade na obtenção de licença ambiental, carência ou inadequação das instituições de apoio às atividades inovadoras, o risco elevado de retorno financeiro, as eleições municipais, a informalidade, as catástrofes naturais, a menor rentabilidade da empresa, as mudanças no mercado consumidor, restrições de crédito, instabilidade econômica, falta de apoio governamental e o câmbio.

Embora existam vários pontos que preocupam, a maioria das indústrias consultadas está otimista em relação aos negócios para 2012, ou seja, 70% delas.

Entre os pontos positivos que trazem otimismo destacam-se a confiança do empresário, a redução das taxas de juros, o tamanho do mercado interno brasileiro, o mercado aberto para novos produtos inovadores, o mercado aquecido, o aumento do consumo das classes C e D, a maior demanda da construção civil, o aumento do poder aquisitivo, a atratividade do país para investimentos, o volume de reservas, os investimentos em qualidade e inovação, os pacotes de estímulos do governo, a desoneração na folha de pagamento, as taxas mais atraentes em bancos de fomento, a melhora da economia norte-americana, o desempenho da economia nacional melhor que o dos países desenvolvidos, os investimentos do PAC, a Copa 2014, as Olimpíadas 2016 e o Pré-Sal.

Finalidades dos investimentos até 2014

Os investimentos planejados para o triênio 2012 a 2014 terão como principais finalidades a aquisição de máquinas e equipamentos, atualização tecnológica, ampliação da capacidade produtiva e melhoria da qualidade dos produtos. Na sequência aparece a ampliação das instalações, investimentos em pesquisa e desenvolvimento de produtos e qualificação de pessoal. O gráfico a seguir mostra a proporção de assinalações em cada item:

Finalidades dos investimentos a serem realizados de 2012 a 2014

(% de respostas)



Fonte: FIESC/PEI

Obs.: questão de múltipla escolha

Os itens que mais cresceram, ganhando posição da última pesquisa para esta, foram: atualização tecnológica (estava em terceiro lugar e passou para segundo), implantação de novos processos de produção (do 10º para o oitavo), melhorias administrativas (do 13º para o 10º), implantação de programas para melhoria da qualidade (do 15º para o 13º), investimentos sociais (do 18º para o 15º) e matriz energética (do 19º para o 18º). Percebe-se a preocupação das indústrias em se tornarem mais eficientes e modernas e em proporcionar melhores condições de trabalho para seus funcionários.

Investimentos adicionais

Além das informações obtidas pela FIESC diretamente nas indústrias, foi realizada uma pesquisa na mídia impressa, chegando a mais informações de planos de investimentos industriais em Santa Catarina, inclusive de novas empresas que pretendem se instalar. Como são intenções, as decisões podem se alterar de acordo com a conjuntura econômica ou devido às mudanças de diretrizes das empresas.

Investimentos anunciados, veiculados pela mídia:

Empresa	Setor econômico	Valor (R\$ Milhões)	Local	Ano
ADM	Agroindústria	123,0	Joaçaba	2012
Álamo Construtora	Construção Civil	45,0	Palhoça	2011-2014
Alcoa	Metalurgia	42,0	Tubarão	nd
Arnaldo Deschamps	Construção Civil	40,0	Palhoça	nd
Bühler	Máquinas e Equipamentos	10,0	Joinville	2011-2012
Butting	Metalurgia	81,0	Barra Velha	2013-2015
Cassol	Material de Construção	nd	Governador Celso Ramos	2011-2012
Cota Empreendimentos Imobiliários	Construção Civil	40,0	Palhoça	2011-2012
Cremer	Perfumaria, Higiene e Limpeza	nd	Indaial	2012
Damyller	Calçado, Têxtil e Vestuário	nd	Criciúma	2011 - 2012
Docol Metais Sanitários	Material de Construção	40,0	Joinville	2012-2013
Franklin Electric Indústria de Motobombas S/A	Máquinas e Equipamentos	15,0	Joinville	2012
General Motors	Complexo Automotivo	710,0	Joinville	2012-2014
Gomes da Costa	Indústria Alimentícia	30,0	Itajaí	2012-2014
Grupo Embraed	Turismo e Hotelaria	200,0	Balneário Camboriú	2011-2015
Habitatus	Construção Civil	15,0	Palhoça	2011-2013
Hantel Engenharia	Turismo e Hotelaria	300,0	Florianópolis	2012-2013
Itasa Construções e Incorporações / AD Shopping	Shopping Centers	70,0	Lages	2011-2013
Laticínios Bela Vista	Indústria Alimentícia	55,0	Maravilha	2011-2015
LS Mtron	Máquinas e Equipamentos	30,0	Garuva	2012-2013
Mater LNG	Biocombustíveis	3.300,0	Araquari	2012-2013
Pedra Branca	Bebidas	10,0	Palhoça	2011-2012
Rigesa	Papel e Celulose	798,9	Três Barras	2012-2013
Santos Brasil	Construção Civil	nd	Imbituba	2012-2015
Sinotruk	Veículos Automotores	nd	Lages	2012-2013
Softplan/Poligraph	Tecnologia	23,0	Florianópolis	2011 - 2015
Tecnoesse	Máquinas e Equipamentos	nd	Garuva	2011-2012
Vossko	Complexo Carnes	4,6	Lages	2011-2012
Yudo	Máquinas e Equipamentos	100,0	Joinville	2012

Fonte: Bradesco - Informe Semanal de Investimentos Setoriais Anunciados e mídia impressa.

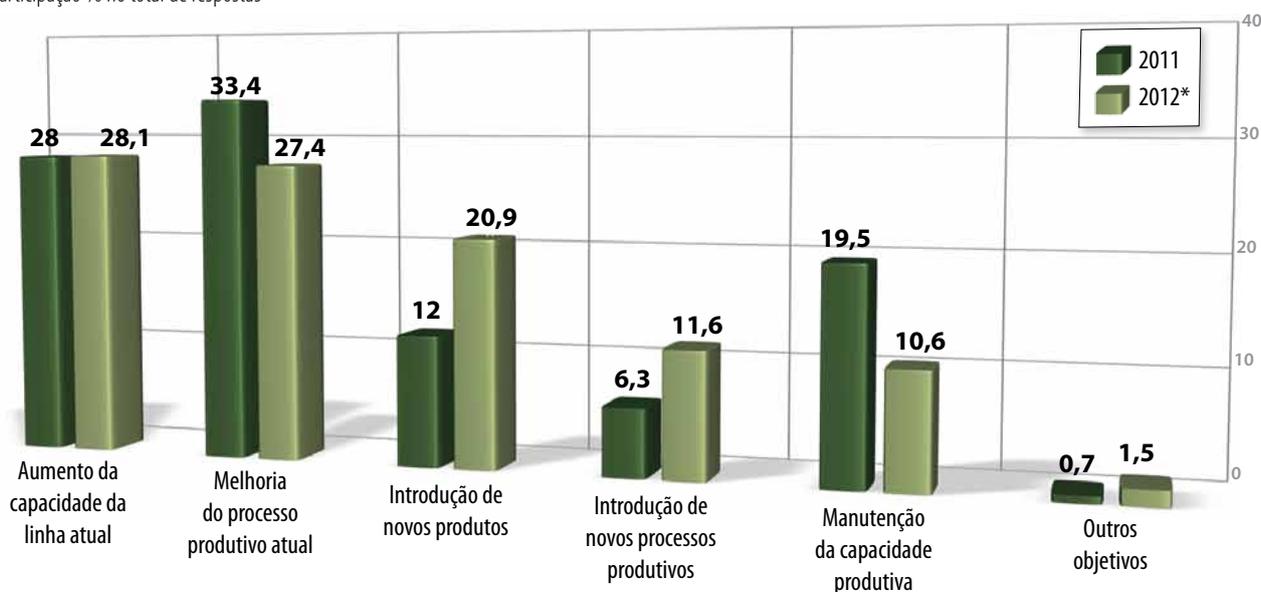
Investimentos na esfera nacional

De acordo com a pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) no final de 2011, a necessidade de ganhar competitividade orientou parte do investimento da indústria brasileira em 2011. A melhoria do processo produtivo foi o principal objetivo do investimento das empresas. Além disso, o investimento em inovação, para a introdução de novos produtos e processos produtivos, ganhou importância. Para 2012, a expectativa de orientação dos investimentos para a inovação é ainda maior que em 2011.

Segundo a pesquisa da CNI, a incerteza econômica é o maior risco ao investimento em 2012. O principal objetivo dos investimentos em 2012 é o aumento da capacidade instalada, seguido pela melhoria do processo produtivo. As compras de máquinas e equipamentos deverão aumentar em relação ao ano anterior e grande parte será importada. A principal fonte dos recursos para os investimentos continuará sendo capital próprio. Todavia, as empresas pretendem reduzir o uso de recursos próprios e aumentar a parcela oriunda dos bancos oficiais de desenvolvimento.

Objetivos dos investimentos em 2011 e 2012 – indústria brasileira

Participação % no total de respostas



Fonte: CNI
*Planejado

Pró-Emprego e PRODEC

Consultadas pela FIESC sobre os programas de incentivo oferecidos pelo governo estadual, 88% das indústrias respondentes revelaram conhecer o Pró-Emprego e 78% o PRODEC. A proporção de indústrias investidoras que pretende utilizar o benefício do Pró-Emprego em 2012 é de 37% e as que pretendem solicitar apoio do PRODEC totalizam 22%. Observa-se que diminuiu o volume de indústrias com intenção de utilizar os incentivos estaduais. Em 2011 a parcela de indústrias que pretendiam utilizar o Pró-Emprego era de 51% e o Prodec de 31%.

Programa de Desenvolvimento da Empresa Catarinense PRODEC

O Programa de Desenvolvimento da Empresa Catarinense – PRODEC tem como finalidade conceder incentivo à implantação ou expansão de empreendimentos industriais e comerciais, que vierem produzir e gerar emprego e renda no estado de Santa Catarina. Trata-se de incentivo, a postergação equivalente a um percentual pré-determinado sobre o valor do ICMS a ser gerado pelo novo projeto.

Os projetos aprovados em 2011 estão a seguir:

Projetos aprovados no PRODEC em 2011

Empresa	Município	Setor econômico	Valor do investimento R\$	Nº de empregos diretos
Indústria e Comércio de Confeccões La Moda Ltda.	Criciúma	Vestuário e Artefatos	25.000.000,00	348
Lojas Salfer S/A	Joinville	Diversos	62.125.500,00	500
Imaginarium Comércio de Presentes e Decorações Ltda.	São José	Diversos	1.393.186,72	59
Hyosung Brasil Indústria e Comércio de Fibras Ltda.	Araquari	Têxtil	188.730.962,92	220
Azimet do Brasil Fabricação de lates Ltda.	Itajaí	Metalmecânica	136.262.424,50	600
Isoterm Indústria e Comércio de Embalagens Ltda.	Araquari	Produtos de Matérias Plásticas	31.968.000,00	105
Mobrás Móveis do Brasil Ltda.	Santa Cecília	Mobiliário	1.548.930,00	148
Marcegaglia do Brasil Ltda.	Garuva	Metalmecânica	209.008.997,00	170
Tigre S/A – Tubos e Conexões	Joinville	Produtos de Matérias Plásticas	42.000.000,00	140
Dudalina S/A	Blumenau	Têxtil	19.759.155,00	150
Vitalmar Com. e Ind. de Pescados Ltda.	Itajaí	Produtos Alimentares	14.337.151,00	30
Rotoplast Indústria de Climatizadores Ltda.	Maravilha	Metalmecânica	10.100.000,00	64
Fibralit Indústria e Comércio Ltda.	Barra Velha	Produtos de Matérias Plásticas	6.461.084,00	7
Mexichem Brasil Ind. de Transformação Plástica Ltda.	Joinville	Produtos de Matérias Plásticas	53.300.000,00	220
Malhas Menegotti Indústria Têxtil Ltda.	Jaraguá do Sul	Têxtil	29.090.000,00	120
Ycatu Engenharia e Saneamento S/A	Araquari	Diversos	5.200.000,00	50
TOTAL			836.285.391,14	2.931

Fonte: Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável
Diretoria de Desenvolvimento Econômico

PRODEC – Projetos aprovados de 2000 a 2011

Ano	Quant. de Projetos	Investimentos R\$	Empregos diretos
2000	12	964.102.687,00	853
2001	13	222.772.028,63	2.324
2002	23	813.764.676,24	2.376
2003	55	462.150.491,66	4.579
2004	4	43.919.868,52	493
2005	14	234.455.877,88	1.635
2006	29	386.931.882,25	4.178
2007	8	83.073.108,71	1.929
2008	72	3.871.618.625,67*	14.659
2009	27	972.863.073,35	3.846
2010	18	391.796.945,32	3.023
2011	16	836.285.391,14	2.931

Fonte: Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável
Diretoria de Desenvolvimento Econômico

*Em 2008 o Programa foi ampliado, abrangendo também empresas comerciais.

“Com a redução da taxa básica de juros há um grande otimismo em investimentos em bens de capital”.

Empresário do segmento de máquinas e equipamentos.

Atuação do BRDE no período 2010 e 2011

Atualmente, o BRDE consolida-se como uma das principais fontes de financiamento da região Sul do Brasil, atuando em praticamente todos os setores econômicos. Em 31 de dezembro de 2011, a carteira de financiamentos do BRDE constituía-se de 31.031 clientes ativos, cujos empreendimentos financiados estão localizados em 1.040 municípios, abrangendo 87,5% dos municípios da região Sul.

Em Santa Catarina, a carteira de clientes ativos do BRDE, envolvendo empresas, cooperativas e produtores rurais, atingiu 256 municípios (87,4% dos municípios do Estado), no mesmo período.

Em 2011, o BRDE liberou R\$ 416,0 milhões para o Estado de Santa Catarina, dos quais R\$ 141,7 milhões (34,1%) para a indústria, conforme Tabela 1. Assim, em termos de participação no volume total de liberações de recursos para Santa Catarina, a liderança é do setor industrial, seguido pelo setor de infraestrutura, com 26,9%; comércio e serviços, com 19,9% e agropecuário, com 19,1%.

Tabela 1 – Liberações de recursos do BRDE por atividade econômica em Santa Catarina (R\$ mil)

Discriminação	Realizado em Jan-Dez/2008	Realizado em Jan-Dez/2009	Realizado em Jan-Dez/2010	Realizado em Jan-Dez/2011
AGROPECUÁRIA	55.821	64.258	51.580	79.626
INDÚSTRIA	269.308	262.868	177.084	141.681
INFRAESTRUTURA	71.640	68.425	113.423	112.101
COMÉRCIO E SERVIÇOS	55.433	90.987	127.377	82.587
TOTAL	452.202	486.538	469.463	415.995

Fonte: BRDE

Na região Sul, conforme Tabela 2, foram desembolsados pelo BRDE, em 2011, R\$ 1,59 bilhão, sendo 34,0% para a indústria.

Tabela 2 – Liberações de recursos do BRDE por atividade econômica na região Sul (R\$ mil)

Discriminação	Realizado em Jan-Dez/2008	Realizado em Jan-Dez/2009	Realizado em Jan-Dez/2010	Realizado em Jan-Dez/2011
AGROPECUÁRIA	353.844	508.188	454.344	461.666
INDÚSTRIA	640.648	646.475	617.396	541.083
INFRAESTRUTURA	116.640	193.804	198.921	182.492
COMÉRCIO E SERVIÇOS	234.898	503.876	583.296	407.905
TOTAL	1.346.030	1.852.343	1.853.957	1.593.146

Fonte: BRDE

Ainda conforme Tabelas 1 e 2, comparativamente a 2010, observa-se redução nominal na liberação de recursos tanto para Santa Catarina quanto para a região Sul, da ordem de 11,4% e 14,1%, respectivamente.

No entanto, a despeito de a economia nacional ter apresentado uma relativa desaceleração no incremento de sua atividade econômica, com expansão de 2,8% em 2011, e da expressiva queda de 5,1% na produção industrial de Santa Catarina, os financiamentos contratados pelo BRDE, na região Sul, alcançaram R\$ 1,75 bilhão, num total de 4.514 operações. Apesar da redução de 4,3% no valor contratado, houve um crescimento de 24,3% no número de operações em relação a 2010.

Santa Catarina, por sua vez, encerrou o ano de 2011 com R\$ 540,6 milhões em operações contratadas, 2,8% a menos do que em 2010.

Indústria - o que é financiado pelo BRDE

Tipos de investimento

- Construção e reforma de prédios e instalações;
- Aquisição de máquinas e equipamentos novos nacionais cadastrados na FINAME;
- Aquisição de máquinas e equipamentos importados, sob consulta;
- Capital de giro associado, ou seja, o capital de giro necessário ao financiamento do aumento de produção e vendas decorrente do investimento realizado;
- Programas ou projetos em Gestão para a Qualidade;
- Capacitação tecnológica e desenvolvimento de produtos e processos;
- Controle ou gestão ambiental e tratamento de resíduos;
- Conservação de energia;
- Conversão de plantas industriais para o uso do gás natural como fonte energética;
- Instalação de centrais de co-geração;
- Conversão ao gás metano veicular, nas modalidades: oficinas de conversão de veículos; instalações para gás em postos de combustíveis; conversão de frotas de veículos de transporte de passageiros;
- Outros empreendimentos associados à utilização do gás natural como fonte energética;
- Centros ou laboratórios de pesquisa;
- Treinamento de pessoal e qualificação profissional;
- Aquisição e desenvolvimento de software (sob condições).
- Projetos de infraestrutura econômica ou social;
- Silos e armazéns;
- Pequenas centrais hidrelétricas;
- Reflorestamento para fins energéticos ou suprimento de matéria-prima;
- Outros.

Observações:

Em operações com empresas que faturam até R\$ 1.200.000,00 por ano e se classificam como microempresas, podem ser financiados equipamentos nacionais usados, desde que associados a outros investimentos fixos.

“É necessário a realização das reformas administrativa, política, trabalhista e tributária para fortalecer a competitividade dos produtos brasileiros”.

Empresário do segmento têxtil.

Desembolsos BNDES

Desembolsos do BNDES por Regiões e Unidades da Federação em 2010 e 2011

Setor de atividade CNAE	Valores em R\$		% 2011/2010
	2010	2011	
NORTE	11.748.237.123	10.864.422.480	-7,52
ACRE	463.418.157	209.404.496	-54,81
AMAPÁ	51.788.458	159.126.772	207,26
AMAZONAS	2.276.443.033	880.496.563	-61,32
PARÁ	2.117.445.290	3.778.701.291	78,46
RONDÔNIA	5.426.682.780	4.464.213.825	-17,74
RORAIMA	107.559.367	123.045.151	14,40
TOCANTINS	1.304.900.038	1.249.434.381	-4,25
NORDESTE	17.210.807.301	18.767.882.223	9,05
ALAGOAS	588.192.876	859.741.193	46,17
BAHIA	4.799.281.838	4.977.759.998	3,72
CEARÁ	3.591.604.294	2.488.616.451	-30,71
MARANHÃO	1.327.384.142	2.701.677.801	103,53
PARAÍBA	482.062.130	726.506.974	50,71
PERNAMBUCO	4.244.890.518	4.600.737.064	8,38
PIAUÍ	697.021.743	378.932.699	-45,64
RIO GRANDE DO NORTE	805.854.191	1.470.901.931	82,53
SERGIPE	674.515.569	563.008.112	-16,53
SUDESTE	97.971.484.313	68.238.081.906	-30,35
ESPÍRITO SANTO	2.693.931.214	2.881.539.153	6,96
MINAS GERAIS	13.358.172.776	13.202.608.375	-1,16
RIO DE JANEIRO	35.925.797.215	15.887.976.594	-55,78
SÃO PAULO	45.993.583.109	36.265.957.785	-21,15
SUL	30.125.645.505	29.654.759.587	-1,56
PARANÁ	11.236.597.832	10.568.776.034	-5,94
RIO GRANDE DO SUL	10.175.438.316	10.495.091.690	3,14
SANTA CATARINA	8.713.609.358	8.590.891.862	-1,41
CENTRO OESTE	11.366.572.782	11.348.290.461	-0,16
DISTRITO FEDERAL	1.871.412.585	1.330.950.427	-28,88
GOIÁS	4.340.814.823	4.386.623.987	1,06
MATO GROSSO	3.206.592.243	3.105.802.146	-3,14
MATO GROSSO DO SUL	1.947.753.131	2.524.913.901	29,63
TOTAL	168.422.747.025	138.873.436.657	-17,54

Fonte: BNDES

“Burocracia exagerada e desnecessária. Os órgãos governamentais não conversam entre si para obtenção das informações obrigatórias, tornando-se repetitivos”.

Empresário do segmento de veículos automotores.

Desembolsos do BNDES para o estado de Santa Catarina em 2010 e 2011

Atividades	Valores em R\$		% 2011/2010
	2010	2011	
Agropecuária	728.005.074	624.237.931	-14,25
Indústria Extrativa	34.419.496	29.853.830	-13,26
Indústria de Transformação	3.301.261.045	3.239.097.743	-1,88
Produtos Alimentícios	847.142.344	627.726.334	-25,90
Bebidas	9.923.654	28.234.553	184,52
Fumo	4.475.191	-	-
Têxtil	315.318.139	202.762.584	-35,70
Confeção, vestuário e acessórios	232.811.593	265.730.711	14,14
Couro, artefato e calçado	53.724.415	41.361.635	-23,01
Madeira	126.145.323	122.504.510	-2,89
Celulose e papel	109.894.337	242.951.281	121,08
Gráfica	4.842.709	9.934.131	105,14
Coque, petróleo e combustível	-	13.302.142	-
Química	22.819.645	31.926.752	39,91
Farmoquímico, farmacêutico	2.863.250	17.717.776	518,80
Borracha e plástico	167.095.277	110.022.013	-34,16
Mineral não metálico	224.058.622	144.472.477	-35,52
Metalurgia	224.811.192	127.313.509	-43,37
Produto de metal	81.375.508	139.274.052	71,15
Equipamentos de informática, eletrônico, ótico	20.695.033	22.638.637	9,39
Máquinas, aparelhos elétricos	439.543.541	681.280.319	55,00
Máquinas e equipamentos	235.587.373	271.402.073	15,20
Veículo, reboque e carroceria	102.815.202	58.072.702	-43,52
Outros equipamentos transporte	18.789.877	10.419.427	-44,55
Móveis	30.346.032	44.660.670	47,17
Produtos diversos	16.576.735	19.352.944	16,75
Manutenção, reparação, instalação	9.606.052	6.036.512	-37,16
Construção	190.458.037	189.799.368	-0,35
Comércio e Serviços	4.649.923.743	4.697.702.359	1,03
Eletricidade e gás	778.627.881	655.125.258	-15,86
Água, esgoto e lixo	25.685.785	38.917.732	51,51
Comércio	592.885.517	642.662.382	8,40
Transporte terrestre	2.360.799.044	2.152.820.512	-8,81
Transporte aquaviário	33.980.430	502.249.554	1.378,06
Transporte aéreo	29.269.091	92.398	-99,68
Atividade auxiliar de transporte e entrega	69.539.576	102.823.620	47,86
Alojamento e alimentação	15.652.808	27.381.732	74,93
Informação e comunicação	22.390.361	15.227.436	-31,99
Telecomunicações	12.648.786	6.272.555	-50,41
Atividade financeira e seguro	35.111.391	33.798.999	-3,74
Atividade imobiliária, profissional e administrativa	401.954.451	261.998.045	-34,82
Administração Pública	39.365.435	22.694.556	-42,35
Educação	10.375.771	16.856.469	62,46
Saúde e serviço social	13.569.215	16.175.370	19,21
Artes, cultura e esporte	3.020.779	5.043.178	66,95
Outras atividades serviços	14.589.383	7.763.195	-46,79
TOTAL	8.713.609.358	8.590.891.862	-1,41

Fonte: BNDES

Conclusão

Investimentos realizados em 2011

- A proporção de indústrias catarinenses que investiu em 2011 foi menor que em 2010 (83,2% em 2010 e 78,4% em 2011).
- O valor investido em 2011 foi 27,5% maior que o do ano anterior (R\$ 1.355 milhões em 2010 e R\$ 1.728 milhões em 2011).
- O aporte de R\$ 1.728 milhões em 2011 superou a média anual dos últimos cinco anos, que foi de R\$ 1.582 milhões.
- 51% das indústrias pesquisadas investiram conforme planejado e 14% além do que havia sido previsto. As demais realizaram parcialmente ou cancelaram.
- Do R\$ 1,7 bilhão investido em 2011, 79% foi alocado em Santa Catarina.
- Metalurgia Básica liderou os investimentos em 2011, seguindo-se Produtos Alimentares.
- A preferência dos empresários continuou sendo a utilização de recursos próprios nos investimentos em 2011 (52,1% do total), valor semelhante ao do ano anterior (52,2%).
- Em bancos de fomento foram captados 18,6% do capital empregado nos investimentos em 2011. A obtenção de recursos em bancos privados foi a que mais cresceu, passando de 13,5% em 2010 para 17,5% do total investido em 2011.

Investimentos previstos para 2012

- A previsão de investimentos industriais para 2012 é 15% maior do que foi realizado em 2011, totalizando R\$ 1.991 milhões. Em Santa Catarina ficarão 80% dos aportes.
- A indústria alimentar será responsável por mais de um terço dos investimentos em 2012 (R\$ 756 milhões). É ela quem lidera os investimentos tanto dentro do estado quanto em outras unidades da federação.
- Maior proporção de investimentos no exterior em 2012 será feita pela indústria de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos.

Investimentos previstos para o triênio 2012-2014

- De 2012 a 2014 as indústrias catarinenses pretendem investir R\$ 3,6 bilhões. Esse valor, quando se concretizar, será maior, pois muitas indústrias não possuíam valores para 2013 e 2014 na época da pesquisa.
- Os segmentos industriais catarinenses que preveem maiores investimentos até 2014 são: Alimentar, Celulose e Papel, Máquinas, Aparelhos, Materiais Elétricos e Metalurgia.
- As principais fontes dos recursos para os novos investimentos serão: 38,6% capital próprio, 33,1% bancos de fomento, 13,3% bancos privados nacionais e 9,7% bancos de fomento via bancos privados nacionais.
- As principais finalidades dos investimentos industriais a serem feitos até 2014 são: aquisição de máquinas e equipamentos, atualização tecnológica (modernização), ampliação da capacidade produtiva e melhoria da qualidade dos produtos.
- O total de empregos a serem gerados com os novos investimentos até 2014 é de 17,1 mil, sendo 12,5 mil em Santa Catarina e 4,6 mil fora do estado. A maior abertura de vagas está prevista no segmento de atividade Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos.

**ANTES DE
TOMAR DECISÕES
ESTRATÉGICAS,
CONSULTE NOSSOS
INDICADORES
ECONÔMICOS.**

Decisões estratégicas devem sempre levar em conta o cenário econômico. Por isso, a FIESC fornece indicadores fundamentais sobre o mercado industrial catarinense com uma série de publicações que auxiliam sua empresa em todos os momentos. Entre em contato com a FIESC e realize os melhores negócios.

INDICADORES INDUSTRIAIS • NÍVEL DE EMPREGO INDUSTRIAL • INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO NAS INDÚSTRIAS DE SC • SONDAGEM INDUSTRIAL • ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL • SANTA CATARINA EM DADOS • DESEMPENHO E PERSPECTIVAS DA INDÚSTRIA CATARINENSE • BALANÇA COMERCIAL DE SANTA CATARINA • REGIÃO SUL EM DADOS

www.fiescnet.com.br

A economia em

2011

e

perspectivas para

2012

1. Economia Internacional

Assim como ocorreu em anos anteriores desta década, o dinamismo econômico em 2011 continuou impulsionado pelos países emergentes, tanto do Sudeste Asiático quanto da América Latina, como mostra o gráfico 1. Depois da queda de -0,5% do produto mundial em 2009 e do crescimento de 5,3% em 2010, em 2011 o produto cresceu 3,9%, com projeção de crescimento para 2012 de 3,5%. A contribuição das economias avançadas para a evolução do produto global em 2011 foi de 1,6%, e o crescimento dos países em desenvolvimento foi de 6,2%. O Fundo Monetário Internacional, no World Economic Outlook (abril de 2012), projeta um crescimento de 1,4% para o próximo ano nas economias avançadas, o que dará continuidade à tendência de que as economias emergentes e em desenvolvimento liderarão o crescimento econômico mundial, dado que a projeção de crescimento destas é de 5,7% em 2012. O Banco Central do Brasil traça um cenário prospectivo de baixo crescimento da atividade global por um período prolongado. As economias emergentes, apesar de a demanda doméstica manter-se aquecida em 2012, sentirão o enfraquecimento da demanda externa.

Projeta-se para 2012 uma diminuição do comércio mundial. Enquanto 2010 registrou um crescimento do comércio mundial de 12,9%, em 2011 a expansão foi de somente 5,8% e em 2012 projeta-se um crescimento ainda menor (4,0%). Esse decréscimo ocorrerá, principalmente, pela queda da importação das economias avançadas, cuja expansão da importação será de somente 1,8% em 2012, ante um crescimento em 2011 de 4,3% e de 11,5% em 2010. Mas também haverá menor importação das economias emergentes, apesar de a expansão das importações dessas economias ser superior à das economias avançadas. Em 2010 as economias emergentes apresentaram um crescimento das importações da ordem de 15,3%, com menor crescimento em 2011 (8,8%) e projeção de um incremento de 8,4% em 2012. Em relação às exportações, haverá um menor crescimento das exportações mundiais das economias avançadas (2,3% em 2012, enquanto exportaram 5,3% em 2011 em relação a 2010), mas uma estabilidade do crescimento das exportações para as economias emergentes (6,6%).

1.1. Economias Avançadas

Os indicadores econômicos dos Estados Unidos em 2011 revelaram que a economia norte-americana se recupera. O incremento do PIB foi de 1,7% em 2011 em relação ao ano anterior, impulsionado principalmente pelo consumo privado. O mercado de trabalho, embora deprimido, terminou 2011 em expansão, registrando em janeiro de 2012 o menor nível de taxa de desemprego dos últimos três anos. O afrouxamento da política monetária dos Estados Unidos gerou estímulos à demanda interna, impulsionando a taxa anualizada do consumo. Para o próximo ano as previsões do FMI, segundo o World Economic Outlook, de abril de 2012, indicam que os Estados Unidos crescerão 2,1% em 2012. No curto prazo, a economia americana pode sentir a elevação dos preços do petróleo e os efeitos de um cenário de contenção fiscal que ocorrerão em 2012 e nos anos seguintes.

A Zona do Euro registrou baixo crescimento da produção e a maior taxa de desemprego desde a constituição da União Monetária (10,7% em janeiro de 2012). O Produto Interno Bruto da Zona do Euro cresceu somente 1,4% em 2011. Nesse início de 2012, as projeções de crescimento econômico das economias europeias deterioraram-se em relação ao projetado no final do ano passado. O FMI projeta um decréscimo do PIB de -0,3% em 2012. As economias europeias têm limitado espaço para a utilização da política monetária, dadas suas restrições fiscais que deverão prevalecer nos próximos anos. Os europeus ainda não encontraram uma solução definitiva para a crise financeira.

O Japão, ainda se restabelecendo da crise econômica de 2009 que gerou um decréscimo do PIB de -6,3%, e do terremoto que chocou o país em 2011 e fez o PIB decrescer -0,7%, tem a projeção da produção em 2012 de 2,0% (FMI, WEO, abril 2012).

1.2. Economias Emergentes e em Desenvolvimento

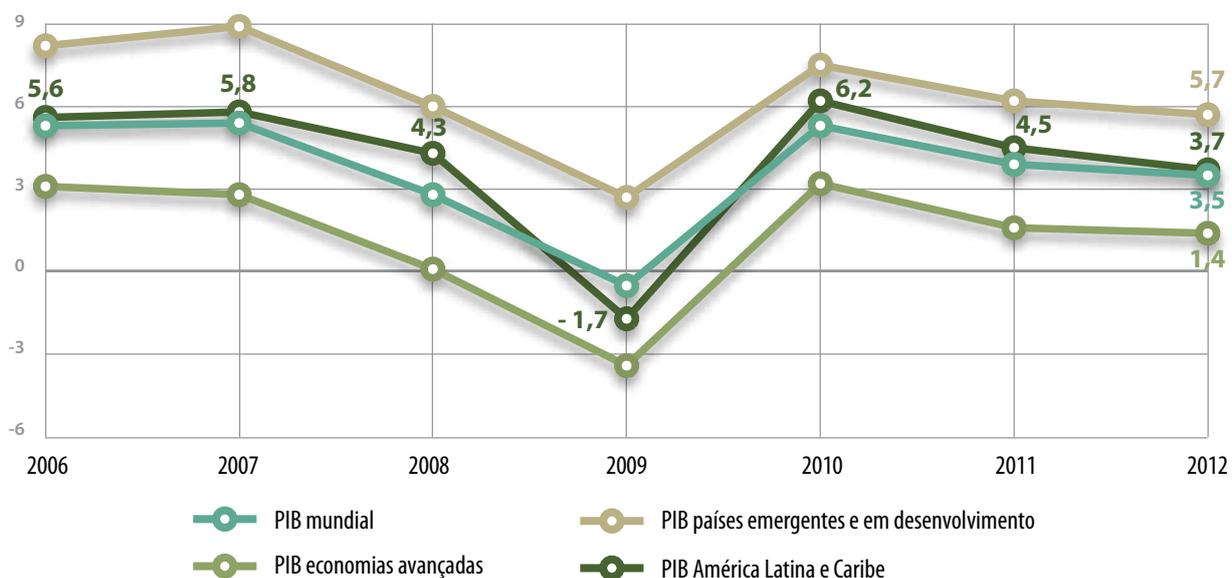
Em 2011, a China, uma das principais economias dos países em desenvolvimento, apresentou desaceleração do setor externo e riscos relativos ao crescimento do setor imobiliário, mas a demanda interna continuou robusta, o que fez o PIB crescer 9,2% em 2011, após o crescimento de 10,4% em 2010 e de 9,2% em 2009. Para 2012 espera-se uma menor expansão da produção, de 8,2% em relação a 2011. De acordo com o Banco Central do Brasil, a China, apesar das tentativas de contenção do crescimento econômico, com restrições ao crédito e tentativas de combate da inflação, apresentou elevadas vendas no varejo e incrementos significativos do investimento fixo em 2011. Com demanda doméstica aquecida, o mercado imobiliário e os alimentos registraram elevação de preços, o que fez com que o governo adotasse medidas de restrição ao crédito e a restrição à liquidez, e limitasse o acesso à aquisição de imóveis.

A Índia – após crescer 6,8% em 2009 e 10,6% em 2010 – cresceu 7,2% em 2011 e o FMI projeta um crescimento do PIB indiano em 6,9% para 2012.

Na América Latina e no Caribe as taxas de expansão do produto não são tão expressivas. Depois do decréscimo da produção em -1,7% em 2009 e do crescimento de 6,2% em 2010, a região expandiu o produto em 4,5% em 2011, sendo que a projeção para 2012 é de que ocorra uma diminuição na intensidade da expansão do produto para 3,7% em relação ao ano anterior. Essa menor intensidade de crescimento do produto é esperada tanto para o Brasil (3,0%) quanto para o México (3,6%).

Gráfico 1 – Crescimento Econômico Mundial 2006-2012⁽¹⁾.

Taxa (%) de crescimento anual.



Fonte: World Economic Outlook, Fundo Monetário Internacional, abril 2012.

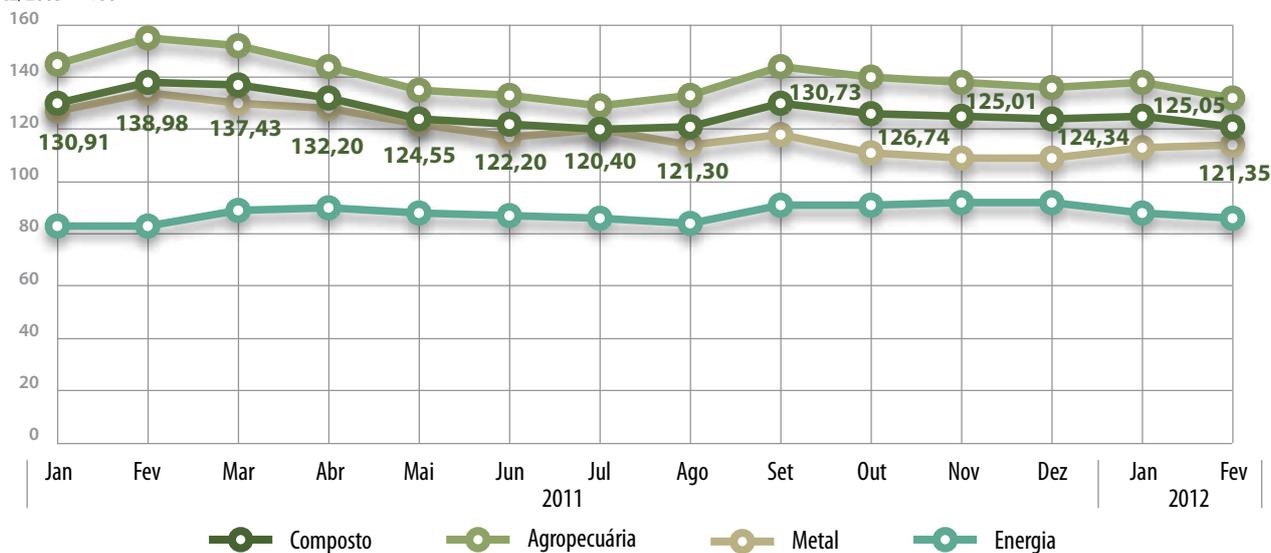
(1) Projeção para o PIB de 2012.

1.3. Commodities

Os anos de 2010 e 2011 registraram elevação do preço das *commodities*, sendo que em 2011 houve forte volatilidade. O índice composto calculado pelo Banco Central do Brasil apresentou tendência de alta no segundo semestre, impulsionado, sobretudo, pela elevação de preços dos produtos agropecuários e pela elevação dos preços do setor energético, dado que os metais registraram quedas de preços, conforme apresenta o gráfico 2.

Gráfico 2 – Índice de Preços de Commodities⁽¹⁾

Dez/2005 = 100



Fonte: Bacen

(1) Cotações em R\$ (média mensal). Composição do índice da agropecuária: carne de boi, algodão, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz e carne de porco. Composição do índice dos metais: alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel. Composição do índice da energia: petróleo Brent, gás natural e carvão.

De acordo com o Banco Central do Brasil, os produtos agropecuários reagiram às incertezas provocadas pela estiagem e devido à diminuição da aversão ao risco nos mercados financeiros e à melhora nas perspectivas para o crescimento da economia global, com ênfase para a diminuição dos temores de uma desaceleração aguda da economia chinesa. A elevação do preço do petróleo foi reflexo do acirramento de tensões geopolíticas relacionadas ao Irã, sobretudo nos primeiros meses de 2012, como mostra o gráfico 3, que registra os preços do petróleo em 2011 e início de 2012.

Gráfico 3 – Preços do Petróleo(1)

US\$/barril



Fonte: Banco Central do Brasil

(1) Cotação de contrato futuro de primeira posição de entrega negociado na ICE Futures US.

Considerando especificamente os preços da soja, indicados no gráfico 4, após quedas no último trimestre de 2011 essa commodity registrou patamares recordes, em termos nominais, no início de abril de 2012. De acordo com o Cepea – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (USP), a expectativa é de que a demanda não aumente de forma significativa, mas existem preocupações com a oferta em 2012. As cotações da soja subiram após

o anúncio do relatório de intenção de plantio norte-americano, em 30 de março de 2012, mas também devido à especulação financeira e as perspectivas de que ocorram problemas climáticos nos Estados Unidos.

Gráfico 4 – Preços da Soja

R\$/60 kg

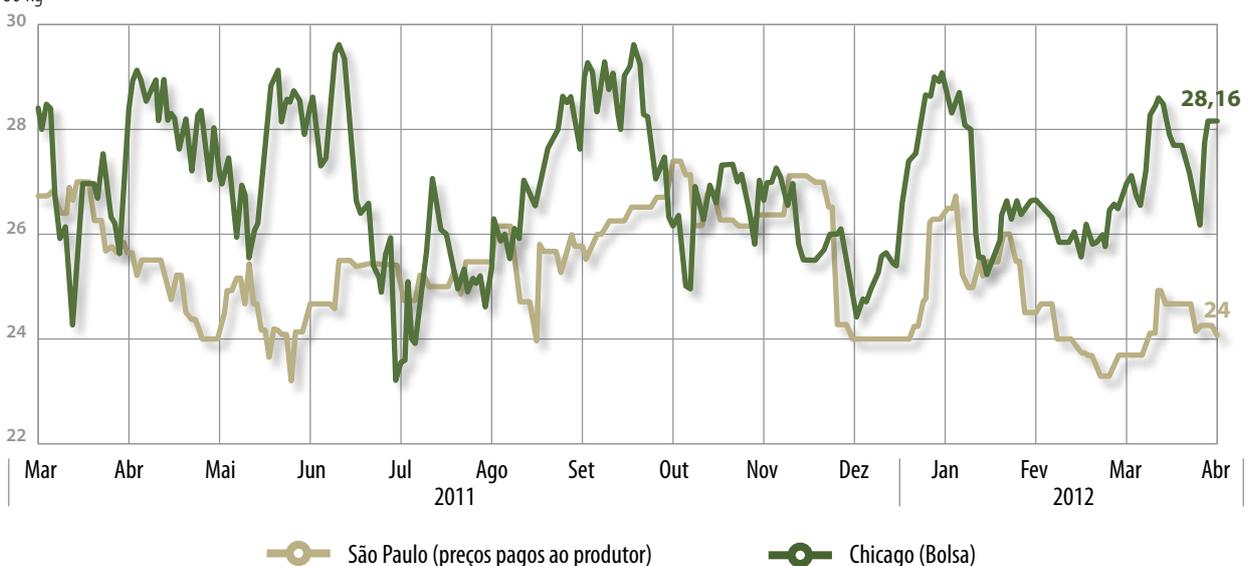


Fonte: NYMEX, LIPE via Reuters e Associação Nacional dos Abatedouros e Instituto de Economia Agrícola (IEA). Dados publicados na Gazeta Mercantil. Elaborado por Banco Central do Brasil.

No mercado do milho, de acordo com o relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) de 30 de março de 2012, os produtores dos Estados Unidos devem plantar área recorde de milho na safra 2012/2013, de 38,81 mil hectares, a maior área já semeada com o cereal desde o ano de 1937. Nesse cenário, os preços não devem apresentar pressões altistas em 2012. Os preços do milho podem ser verificados no gráfico 5.

Gráfico 5 – Preços do Milho

R\$/60 kg



Fonte: NYMEX, LIPE via Reuters e Associação Nacional dos Abatedouros e Instituto de Economia Agrícola (IEA). Dados publicados na Gazeta Mercantil. Elaborado por Banco Central do Brasil.

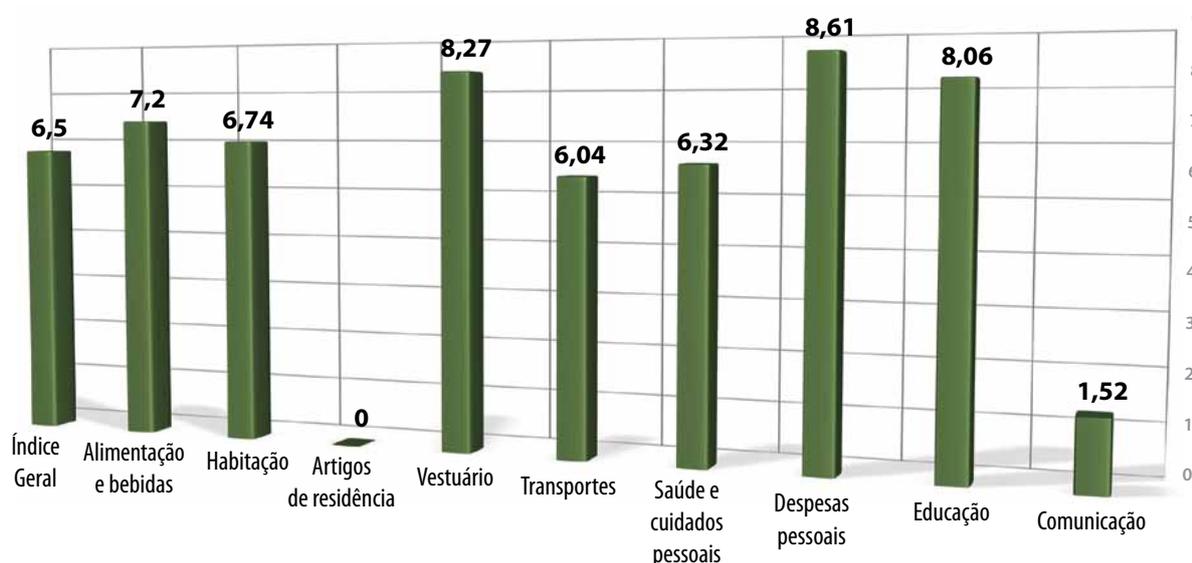
2. Economia Brasileira

2.1. Preços

Nos últimos meses de 2010, pressionados pelo aumento dos preços das *commodities*, sobretudo as agropecuárias que expandiram os preços dos produtos *in natura*, os preços no mercado interno elevaram-se, tendência que se prolongou em 2011 e fez com que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA apresentasse variação de 6,50%, superior à taxa de 5,91% relativa a 2010 e acima da meta de inflação, conforme já indicavam as projeções das instituições financeiras brasileiras. Constituiu-se no maior IPCA desde 2004. A maioria dos grupos de produtos e serviços pesquisados apresentou variação superior à do ano anterior, com destaque para as despesas pessoais, (8,61%), vestuário (8,27%) e educação (8,06%), conforme apresenta o gráfico 6.

Gráfico 6 – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo, 2011

Taxa (%) de crescimento anual

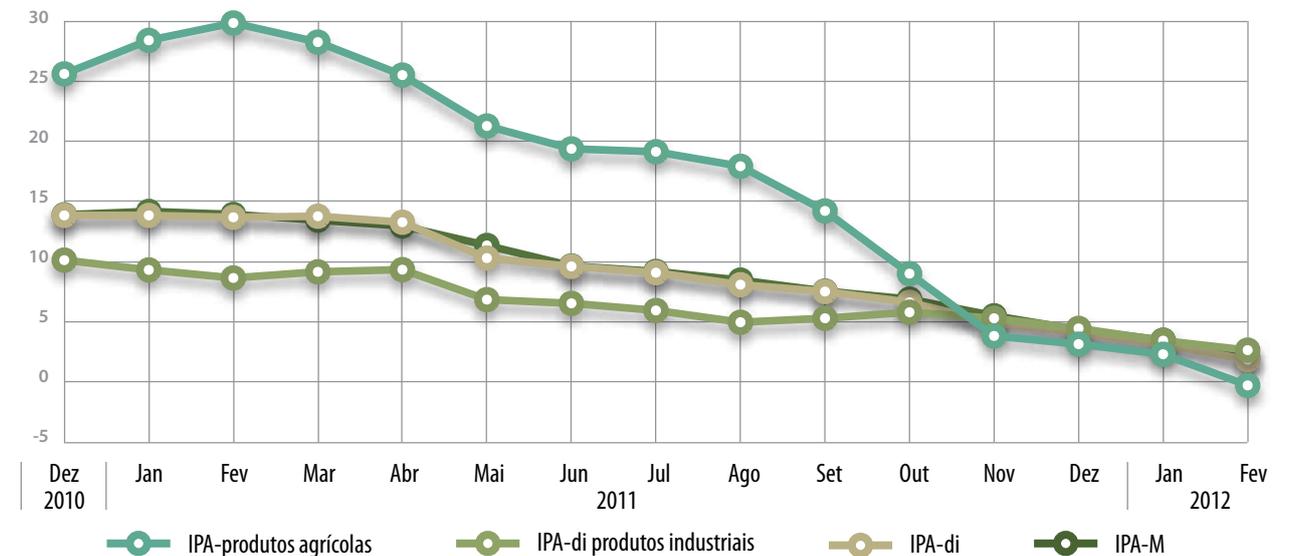


Fonte: IBGE

Apesar de a taxa anualizada ter indicado crescimento significativo de preços, observa-se que a inflação ao consumidor apresentou declínio nos últimos trimestres do ano, pela menor elevação dos preços agrícolas no atacado e a retração dos preços dos produtos industriais, conforme mostra o gráfico 7.

Gráfico 7 – Índice de Preços por Atacado

Variação (%) acumulada em 12 meses.



Fonte: FGV

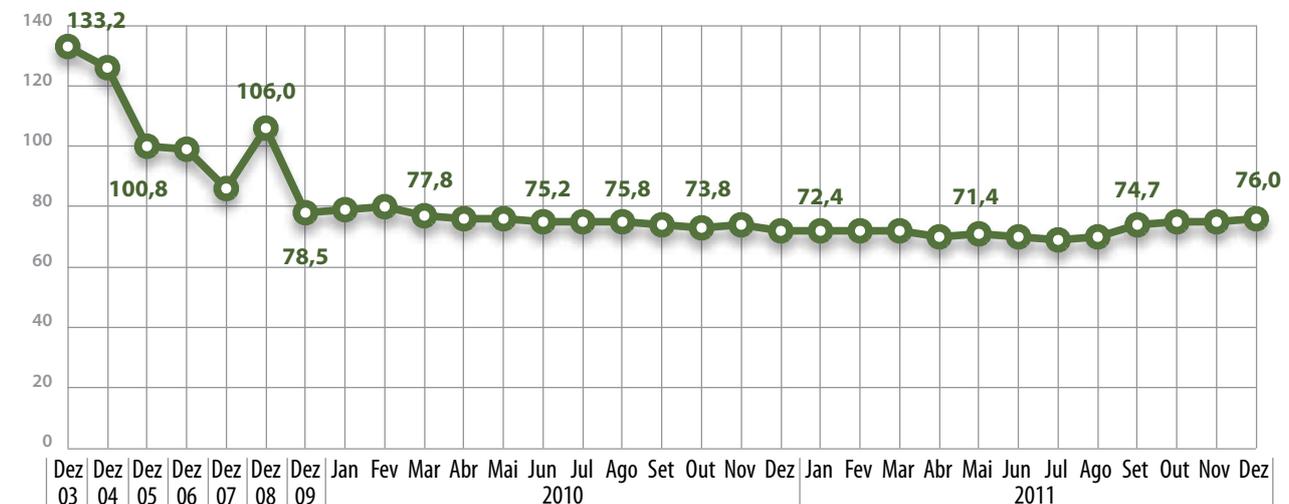
De acordo com o Banco Central do Brasil, houve um esgotamento de pressões sazonais, expresso principalmente nos primeiros meses de 2012, o que favorece para a convergência dos indicadores de preços em relação à meta de inflação para 2012. Entretanto, haverá impacto do reajuste do salário mínimo sobre os preços dos serviços, bem como a alta de artigos de vestuário no primeiro semestre de 2012. O Boletim Focus, divulgado pelo Banco Central do Brasil em 01 de junho de 2012 previu que a inflação para 2012 também ultrapassará a meta e alcançará um incremento de 5,15% do IPCA.

2.2. Câmbio

No ano de 2011 observou-se uma maior desvalorização no segundo semestre em relação aos primeiros meses do ano, conforme apresenta o gráfico 8. Em relação à taxa de câmbio, as previsões do mercado, de acordo com o Boletim Focus (01/06/12), indicam que em 2012, no final do período, será de R\$ 1,90.

Gráfico 8 - Índices de taxa efetiva de câmbio⁽¹⁾

Junho de 1994=100



Fonte: Banco Central do Brasil

(1) Deflator interno IPCA, deflator externo IPC. A queda do índice significa valorização da taxa de câmbio. Calculado mediante média da cotação da moeda brasileira em relação às moedas de 15 países ponderada pela participação destas no total das exportações brasileiras para esse grupo de países.

2.3. Produto Interno Bruto

A economia brasileira cresceu 2,7% em 2011, bem abaixo do crescimento de 7,5% registrado no ano anterior. No acumulado do ano, o PIB em valores correntes totalizou R\$ 4.143,0 bilhões, dos quais R\$ 3.530,9 bilhões se referem ao valor adicionado a preços básicos e R\$ 612,1 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. Dos setores econômicos, a indústria foi o que apresentou menor crescimento, de 1,6% em relação ao ano anterior. O setor agropecuário expandiu 3,9% e o setor de serviços, 2,7%.

Dos setores industriais, a indústria extrativa mineral cresceu 3,2%, a construção civil 3,6%, e Produção e Distribuição de Eletricidade e Gás, Água, Esgoto e Limpeza Urbana 3,8%. A indústria de transformação ficou estagnada (0,1%).

No setor de serviços, todas as atividades registraram aumentos ao longo de 2011, com destaque para comércio (3,4%), intermediação financeira (3,9%) e transporte, armazenagem e correio (2,8%).

Na participação setorial no Valor Adicionado, no acumulado do ano em 2011, destacou-se o setor de serviços, com uma participação de 67%. A agropecuária, que tinha uma participação de 5,3% em 2010, atingiu 5,5% em 2011. Já a indústria registrou uma queda na sua participação, partindo de 28,1% e atingindo 27,5%, causada principalmente pela redução de crescimento da indústria de transformação. Esta tinha uma participação no valor adicionado de 16,2% em 2010 e chegou a 14,6% em 2011, indicador que mostra o encolhimento da indústria de transformação brasileira em relação aos demais setores produtivos do país. Os Estados Unidos, símbolo de desindustrialização nas últimas décadas, têm a participação da indústria pouco abaixo de 14%.

Pela ótica da demanda agregada, o menor crescimento do PIB em 2011 ocorreu devido à menor expansão do consumo das famílias (4,1% em 2011, ante 6,9% em 2010), e dos gastos governamentais (cresceram 4,2% em 2010 e 1,9% em 2011). Os investimentos, que tiveram uma expansão significativa em 2010 (de 21,3%) e indicavam grande otimismo em relação ao cenário futuro da economia brasileira, cresceram somente 4,7% em 2011. Ressalta-se, entretanto, que os indicadores de 2010 incidiram sobre uma base de comparação muito achatada, dada a crise que caracterizou o ano de 2009. No setor externo, as importações cresceram 9,7%, alta superior à das exportações, que subiram 4,5%.

A expectativa do mercado, de acordo com o Boletim Focus do Banco Central de 01 de junho, considerando a mediana das expectativas, é de que o crescimento do PIB para 2012 será de 2,72% e de 4,50% para 2013.

O quadro 1 mostra as taxas acumuladas trimestrais dos componentes do Produto Interno Bruto em relação ao mesmo período do ano anterior. Ressalta-se a perda de dinamismo revelada pelas taxas dos últimos trimestres do ano de 2011 para todos os componentes.

Quadro 1 - Produto Interno Bruto (2008-2011)

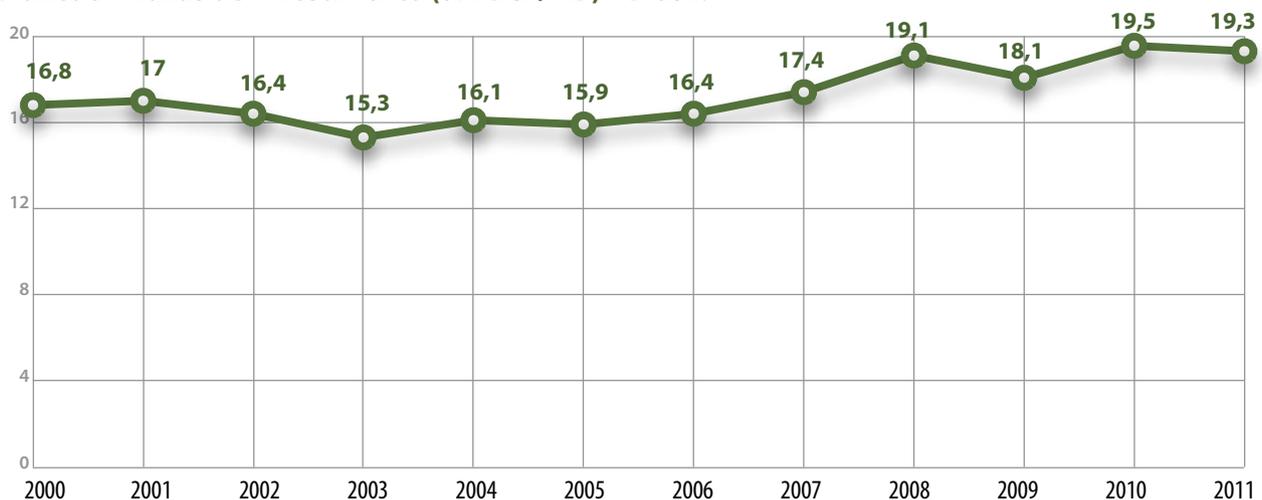
Taxa acumulada ao longo do ano em relação ao mesmo período do ano anterior (%)

Período	PIB	Consumo das famílias	Consumo do governo	Formação Bruta de Capital Fixo	Exportação	Importação
2008.I	6,3	5,9	4,7	14,9	-1,7	14,3
2008.II	6,4	6,2	3,1	15,7	2,3	18,1
2008.III	6,6	6,7	3,8	16,9	2,8	18,6
2008.IV	5,2	5,7	3,2	13,6	0,5	15,4
2009.I	-2,7	2,3	3,4	-13,6	-14,0	-13,9
2009.II	-2,6	2,7	3,0	-13,6	-11,7	-13,5
2009.III	-2,2	3,4	2,1	-11,9	-10,9	-12,7
2009.IV	-0,3	4,4	3,1	-6,7	-9,1	-7,6
2010.I	9,3	8,5	3,1	29,9	15,4	40,6
2010.II	9,0	7,3	4,6	28,5	10,7	39,6
2010.III	8,3	6,8	4,8	25,4	10,9	39,7
2010.IV	7,5	6,9	4,2	21,3	11,5	35,8
2011.I	4,2	6,0	1,8	8,8	4,0	13,4
2011.II	3,8	5,8	2,7	7,5	5,2	14,1
2011.III	3,2	4,8	2,2	5,7	4,8	11,0
2011.IV	2,7	4,1	1,9	4,7	4,5	9,7

Fonte: IBGE – Sistema de Contas Nacionais Trimestrais

Os dados mostram que o PIB brasileiro foi perdendo ritmo ao longo de 2011. O ano de 2011 registrou um ciclo de aperto monetário, fruto das medidas macroprudenciais adotadas pelo governo brasileiro, câmbio valorizado, crise externa e estoques elevados, fatores que afetaram a produção industrial. Este setor, que já sofre com falta de competitividade, pressionado principalmente por altos custos, tanto de mão de obra quanto de outros fatores derivados do custo Brasil, sentiu o impacto do cenário macroeconômico adverso. Para 2012, as perspectivas de uma recuperação tímida da economia mundial e as previsões de cotação do real (apresentadas anteriormente) não indicam que a indústria tenha participação maior na retomada da economia. O aumento do consumo (maior do que o aumento da produção da indústria de transformação) em 2011 foi suprido pelo aumento das importações de bens e serviços, componente do PIB que mais cresceu em 2011.

O baixo crescimento industrial de 2011 repercutiu nas taxas de investimento, inferiores às registradas em 2010, como mostra o gráfico 9. Uma taxa de investimento anual abaixo de 22% não é capaz de sustentar uma taxa de crescimento do PIB de 5%. Os investimentos apresentaram desempenho menos intenso no segundo semestre de 2011 e a taxa de investimento (proporção da FBCF em relação ao PIB) alcançou 19,3% do PIB, expansão inferior à registrada em 2010, mas ainda em nível superior à taxa dos anos anteriores, conforme mostra o gráfico 9.

Gráfico 9 – Taxas de Investimento (% FBCF/PIB) – Brasil.

Fonte: IBGE

Outro indicador de análise econômica conjuntural, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), incorpora estimativa para a produção mensal dos três setores da economia, bem como para os impostos sobre produtos, e constitui importante indicador da atividade econômica. Observou-se perda de intensidade do índice, sobretudo no período março a outubro de 2011, com retomada de crescimento no último trimestre da série apresentada no gráfico 10.

Gráfico 10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central do Brasil (IBC-Br) ⁽¹⁾



Fonte: Banco Central do Brasil
(1) Dessazonalizado

O IBC-Br registrou queda de 4,49% em janeiro de 2012 em relação a dezembro de 2011. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, houve crescimento de 1,44%. Em 12 meses encerrados em janeiro de 2012, houve crescimento do índice de 2,42%, indicando que, apesar das restrições impostas pela política macroeconômica, o nível de atividade da economia foi superior ao do ano anterior.

2.4. Vendas do Comércio

As vendas do comércio ampliado, que apresentavam relativa acomodação no início de 2011, terminaram o ano com crescimento de 6,6%, expansão bem menor do que a registrada no ano anterior, como indicam as taxas de crescimento apresentadas pelo quadro 2. Todos os 10 segmentos pesquisados mostraram expansão no volume de vendas no ano, com destaque para equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (19,6%) e móveis e eletrodomésticos (16,6%). Entretanto, no comparativo entre os dois últimos anos, observou-se a perda da intensidade de crescimento das vendas em 2011.

Quadro 2 - Volume de vendas no comércio varejista ampliado - Brasil

Variação acumulada no ano

(Base: igual período do ano anterior)

Atividades	2010	2011
Combustíveis e lubrificantes	6,58	1,55
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	8,93	4,04
Hipermercados e supermercados	8,65	4,02
Tecidos, vestuário e calçados	10,62	3,58
Móveis e eletrodomésticos	18,31	16,58
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	11,88	9,69
Livros, jornais, revistas e papelaria	11,96	5,90
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	24,31	19,56
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	9,08	3,99
Veículos, motocicletas, partes e peças	14,13	6,13
Material de construção	15,66	9,11
Total comércio varejista ampliado	12,2	6,6

De acordo com o Banco Central, a trajetória do comércio, nos próximos meses, continuará a ser influenciada pelas transferências governamentais, pelo ritmo de crescimento da massa salarial real, pelo nível de confiança dos consumidores e pela expansão do crédito, que será moderada.

2.5. Atividade Industrial

Após o aumento de 10,5% em 2010, expansão mais elevada desde 1986, em 2011 a produção industrial brasileira cresceu somente 0,25%, conforme mostra o quadro 3. No primeiro semestre, o crescimento foi de 1,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, mas no segundo semestre houve significativa desaceleração (-1,0%). No índice acumulado de 2011, de acordo com o IBGE, os impactos positivos mais expressivos sobre a média global vieram de veículos automotores (2,4%) e de outros equipamentos de transporte (8,0%), seguidos por indústrias extrativas (2,1%), minerais não metálicos (3,2%), equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, ópticos e outros (11,4%), produtos de metal (2,6%) e fumo (13,4%). Entre os ramos que apontaram queda na produção, sobressaíram os recuos vindos de têxtil (-14,9%), outros produtos químicos (-2,1%), calçados e artigos de couro (-10,4%) e máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-3,7%).

Quadro 3 – Produção Física Industrial, Brasil

Índice acumulado.

Base: ano anterior=100

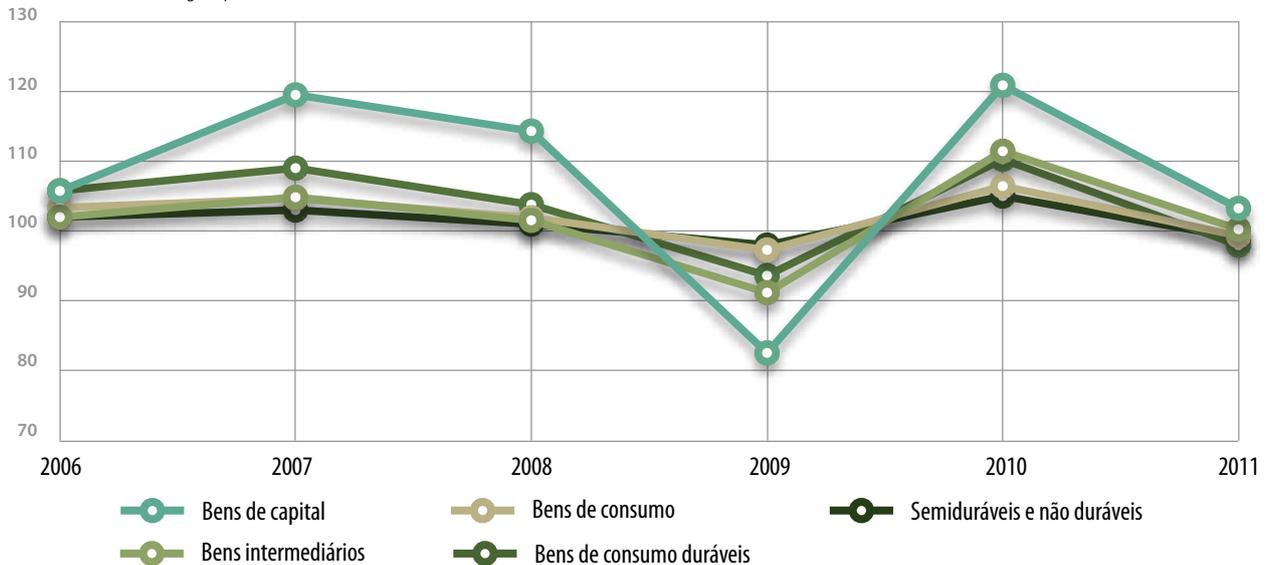
Atividades Industriais	2010	2011
Indústria geral	110,44	100,25
Indústria extrativa	113,41	102,14
Indústria de transformação	110,27	100,14
Alimentos e bebidas	-	-
Alimentos	104,38	99,80
Bebidas	111,22	99,76
Fumo	91,97	113,39
Têxtil	104,38	85,15
Vestuário e acessórios	107,21	95,59
Calçados e artigos de couro	106,72	89,57
Madeira	116,05	99,14
Celulose, papel e produtos de papel	104,43	101,51
Edição, impressão e reprodução de gravações	103,72	101
Refino de petróleo e álcool	100,73	100,49
Produtos químicos	-	-
Farmacêutica	102,37	101,24
Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza	101,72	98,87
Outros produtos químicos	110,21	97,85
Borracha e plástico	112,63	98,70
Minerais não metálicos	109,33	103,11
Metalurgia básica	117,59	99,54
Produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos	123,36	102,59
Máquinas e equipamentos	124,12	100,33
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	113,15	95,12
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	108,76	96,33
Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações	103,01	102,19
Equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros	120,56	111,50
Veículos automotores	124,21	102,43
Outros equipamentos de transporte	99,91	107,94
Mobiliário	110,85	101,59
Diversos	111,64	100,48

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Banco de Dados SIDRA

Considerando a análise da produção industrial por categorias de uso, dado o índice acumulado de 2011, houve maior dinamismo da produção de bens de capital, que cresceu 3,3% em relação ao ano anterior, conforme mostra o gráfico 11. Os segmentos de bens intermediários (0,3%) e de bens de consumo semi e não duráveis (-0,2%) praticamente repetiram o patamar produzido de 2010. A produção de bens de consumo duráveis apresentou queda de 2,0%, influenciada, sobretudo, pela menor fabricação de automóveis. De acordo com o IBGE, observou-se em 2011 uma perda de ritmo da atividade industrial a partir de abril.

Gráfico 11 – Produção Física Industrial por categorias de uso, Brasil

Índice acumulado (base: igual período do ano anterior=100)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Banco de Dados SIDRA

De acordo com o IBGE a produção industrial brasileira apresentou duas fases distintas em 2011, se considerados os indicadores trimestrais. Nos três primeiros meses do ano houve uma elevação generalizada do nível de produção, com o total da indústria crescendo 1,1% e todas as categorias de uso apontando ganhos nesse período. Na fase seguinte, a partir do segundo trimestre de 2011, houve um quadro de redução na produção global. Nos três trimestres de recuo na produção, a perda acumulada da indústria foi de 2,8% e esse movimento foi acompanhado por todas as categorias de uso, com bens de consumo duráveis (-11,6%) e bens de capital (-4,2%) apresentando as perdas mais intensas nesse período.

Em nível regional, a produção industrial mostrou taxas positivas em nove dos 14 locais pesquisados, com destaque para Paraná (7,0%), Espírito Santo (6,8%), Goiás (6,2%) e Amazonas (4,0%). Pará (2,7%) e Rio Grande do Sul (2,0%) também apontaram crescimento acima do total nacional (0,3%), mas Minas Gerais (0,3%), Rio de Janeiro (0,3%) e São Paulo (0,2%) também tiveram taxas positivas em 2011. No desempenho positivo destes estados, o IBGE observou a maior presença da produção de bens de capital (para transporte, construção e para fins industriais) e de bens de consumo duráveis (motocicletas e relógios), além dos avanços nos setores extrativos, farmacêutico e de minerais não metálicos. Os locais que apontaram queda na produção em 2011 foram Bahia (-4,4%), Santa Catarina (-5,1%) e Ceará (-11,7%). Na Bahia houve menor produção de produtos químicos, de refino de petróleo e de produção de álcool. Em Santa Catarina, o resultado foi influenciado, sobretudo, pela queda na produção têxtil, em máquinas e equipamentos e em máquinas, aparelhos e materiais elétricos. No Ceará também ocorreu queda na produção têxtil, além de em calçados e couro. O quadro 4 apresenta o resultado da produção industrial em 2011 em relação ao ano anterior.

Quadro 4 – Produção Industrial Regional*

Variação anual

Base= ano anterior

Locais	Jan – Dez Variação (%) 2010	Jan – Dez Variação (%) 2011
Amazonas	16,3	4,0
Pará	9,4	2,7
Região Nordeste	8,1	-4,7
Ceará	9,0	-11,7
Pernambuco	10,2	0,0
Bahia	7,1	-4,4
Minas Gerais	15,0	0,3
Espírito Santo	22,3	6,8
Rio de Janeiro	8,4	0,3
São Paulo	10,1	0,2
Paraná	14,2	7,0
Santa Catarina	6,5	-5,1
Rio Grande do Sul	6,9	2,0
Goiás	17,1	6,2
BRASIL	10,5	0,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

(*) Com ajuste sazonal

2.6. Emprego

De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego, o emprego formal em 2011 teve o segundo melhor resultado de toda a série do CAGED, sendo menor somente em relação ao ano de 2010. O crescimento do emprego no Brasil foi de 5,41%. Na análise por setores da atividade econômica destaca-se a Indústria Extrativa Mineral que expandiu o emprego em 10,3%, assim como a construção civil (8,8%), os serviços (6,43%), o comércio (5,6%), a agricultura (5,54%) e a indústria de transformação (2,69%).

Os estados que mais geraram empregos foram São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul.

2.7. Comércio Exterior

De acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), em 2011, o desempenho do comércio exterior brasileiro foi recorde, com corrente de comércio de US\$ 482,3 bilhões e incremento de 25,7% sobre 2010.

As exportações, em 2011, foram de US\$ 256,0 bilhões, um crescimento de 26,8% sobre o ano anterior. As vendas de produtos básicos cresceram 36,1%, e os semimanufaturados e os manufaturados se ampliaram em, respectivamente, 27,7% e 16,0%. O grupo de produtos industrializados respondeu por metade do total exportado pelo Brasil no ano de 2011.

Considerados os mercados de destino, destacaram-se em 2011 as vendas para a Ásia, continente que passou a ocupar a primeira posição no ranking dos mercados compradores de produtos brasileiros. As vendas para a Ásia aumentaram 36,3% em 2011. Destaque também para o crescimento das vendas para os Estados Unidos (33,3%), África (32,0%), União Europeia (22,7%) e América Latina e Caribe (19,1%). A China foi o principal mercado comprador de produtos brasileiros e respondeu

por 17,3% das exportações brasileiras. Em segundo lugar no ranking dos principais compradores estão os EUA, com 10,1%, seguidos da Argentina, com 8,9% de participação no total exportado. No comparativo com 2010, destaca-se o avanço de 43,9% das exportações brasileiras para a China.

As grandes empresas são as principais exportadoras do Brasil. Do total exportado, 94,8% é venda externa realizada pela grande empresa, enquanto 4,1% é efetuada pela média empresa, 1% pela micro e pequena empresa e 0,1% por pessoa física. Entretanto, considerado o total de empresas exportadoras (19.194 em 2011), tem-se que 25,6% das empresas são grandes, 25,9% são médias, 46,3% são micro e pequenas e 2,2% são pessoas físicas.

Em relação aos setores industriais divididos de acordo com a intensidade tecnológica, observa-se que as exportações brasileiras são realizadas, sobretudo, por setores de baixa e média intensidade tecnológica. Os setores de baixa tecnologia responderam por 40,3% das exportações brasileiras em 2011, enquanto os setores de média-baixa tecnologia responderam por 25,5% do total exportado, e a média-alta exportou 27,9% do total, enquanto os setores de alta tecnologia exportaram 6,2% do total. Estes dados indicam que a inserção externa brasileira ainda é muito concentrada em produtos pouco intensivos em tecnologia, conjuntamente favorecidos pela elevação de preços das commodities no mercado internacional, mas que geram questionamentos em relação ao modelo de desenvolvimento adotado pelo Brasil.

Os principais estados exportadores em 2011 foram: São Paulo, que respondeu por 23,4% das exportações brasileiras, seguido de Minas Gerais (16,17%), Rio de Janeiro (11,50%), Rio Grande do Sul (7,59%), Pará (7,16%), Paraná (6,79%), Espírito Santo (5,92%), Mato Grosso (4,34%), Bahia (4,30%) e Santa Catarina (3,54%).

Em 2011, as importações brasileiras foram de US\$ 226,2 bilhões, um acréscimo de 24,5% sobre 2010. De acordo com o MDIC, as compras de matérias-primas e produtos intermediários representaram 45,1% da pauta total, e as de bens de capital, 21,2%, caracterizando uma pauta relacionado ao setor produtivo brasileiro e impulsionada, sobretudo, pelo crescimento econômico. As importações de bens de consumo representaram 17,7% e as de combustíveis e lubrificantes, 16,0%. Sobre 2010, a categoria de combustíveis e lubrificantes foi a que registrou maior crescimento, de 42,8%, seguida de bens de consumo (27,5%), matérias-primas e intermediários (21,6%) e bens de capital (16,8%).

Os principais mercados fornecedores de produtos para o Brasil foram a Ásia, que respondeu por 31% das importações brasileiras, seguida da União Europeia (20,5%), da América Latina e Caribe (16,7%) e dos Estados Unidos (15,1%).

3. Economia Catarinense

3.1 Atividade Industrial

No ano de 2011 o índice de atividade econômica de Santa Catarina, calculado pelo Banco Central, teve crescimento de 2,6% em relação ao ano anterior. A economia catarinense registrou linha ascendente deste indicador, desde a crise de 2009. No acumulado de janeiro a fevereiro de 2012, em relação ao mesmo período do ano passado, o índice teve crescimento de 2,4%. No acumulado de 12 (doze) meses, o IBCR-SC cresceu 2,5% em relação aos 12 meses anteriores, considerados índices com ajuste sazonal.

Considerada somente a indústria catarinense, esta atividade industrial aumentou a intensidade de queda na produção nos terceiro e quarto trimestres de 2011 e somou três trimestres negativos de expansão da produção industrial (em relação ao trimestre anterior). Conforme mostrou o IBGE, houve perda de dinamismo na passagem do terceiro para o

quarto trimestre de 2011 em cinco dos 11 setores pesquisados da indústria de transformação, com destaque para alimentos, que passou de uma queda de -0,9% no terceiro trimestre do ano para um recuo de -11,2% no quarto trimestre, seguido pelos ramos de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (de -10,3% para -34,7%) e de vestuário e acessórios (de 8,0% para -8,1%).

O índice acumulado da produção industrial de 2011 da indústria catarinense recuou 5,1%, após registrar expansão de 6,5% em 2010. No resultado de 2011, sete das 11 atividades pesquisadas apontaram queda na produção frente a igual período do ano anterior. Os principais impactos negativos foram da indústria de têxteis (-17,8%), de máquinas e equipamentos (-9,6%) e de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-17,3%), explicados em grande parte pelos recuos na fabricação de roupas de banho de tecidos de algodão, refrigeradores para uso doméstico e compressores usados em aparelhos de refrigeração e motores elétricos. Os destaques positivos vieram dos ramos de vestuário e acessórios (6,8%) e de celulose e papel (2,4%), que registraram as principais influências positivas sobre a média global da indústria, impulsionados, sobretudo, pelos avanços na fabricação dos itens camisetas de malha de algodão e calças compridas de uso masculino e papel em rolos e papel cartão, respectivamente.

Quadro 5 – Produção Física Industrial, Santa Catarina, 2010 e 2011

Variação % anual

Base: ano anterior=100

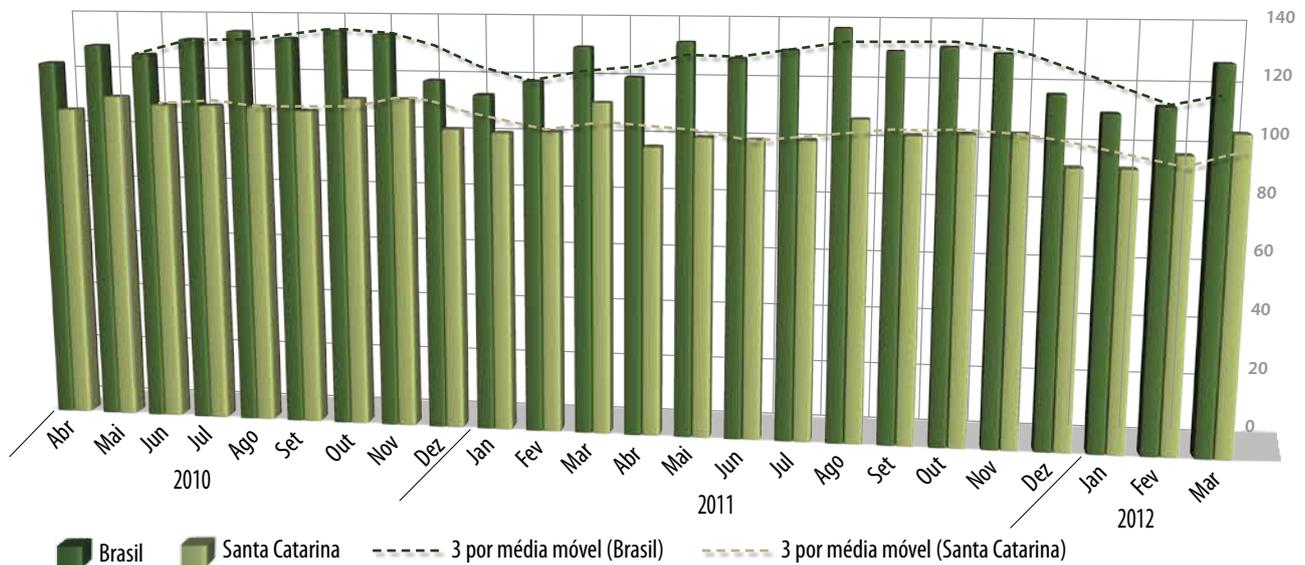
Atividades Industriais	2010	2011
Indústria geral	6,45	-5,11
Indústria de transformação	6,45	-5,11
Alimentos	-1,14%	-1,49
Têxtil	4,52	-17,79
Vestuário e acessórios	6,53	6,78
Madeira	10,24	-7,1
Celulose, papel e produtos de papel	4,89	2,41
Borracha e plástico	16,76	0,42
Minerais não metálicos	4,52	-1,06
Metalurgia básica	40,29	0,98
Máquinas e equipamentos	19,87	-9,64
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	9,80	-17,37
Veículos automotores	-24,46	-10,04

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Banco de Dados SIDRA

Observa-se pelo gráfico 12 que a indústria de Santa Catarina apresentou baixo dinamismo ao longo de todo o ano, sobretudo a partir de abril de 2011. Entre abril de 2011 e fevereiro de 2012, a indústria catarinense iniciou período no qual a produção industrial foi sempre menor em relação à produção do mesmo mês do ano anterior. Considerando o mesmo critério de análise para a produção brasileira, isso não ocorre. A produção industrial mensal brasileira apresentou significativo incremento, sobretudo no primeiro semestre de 2011.

Gráfico 12- Produção da Indústria de Transformação, Brasil e Santa Catarina

Índice de base fixa mensal sem ajuste sazonal
 Média 2002=100



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O estado de Santa Catarina obteve em 2011 um crescimento das vendas industriais abaixo da média nacional, assim como ocorreu com a produção industrial. Enquanto as vendas da indústria brasileira cresceram 5,1% em 2011 em relação ao ano anterior, Santa Catarina incrementou em 2,55%, comportamento que repete o desempenho do ano anterior, quando as vendas da indústria de transformação brasileira cresceram aproximadamente 10% e as de Santa Catarina somente 3,41%. Os estados com maiores aumentos em 2011 foram Rio de Janeiro, Amazonas, São Paulo e Paraná, que tiveram vendas acima da média nacional. Os estados de Rio Grande do Sul, Ceará e Pernambuco foram os que apresentaram desempenhos negativos, com decréscimo de vendas em relação ao ano anterior.

Apesar do incremento nas vendas em 2011, houve redução nas horas trabalhadas na produção (-1,06%) e na utilização da capacidade instalada da indústria (-2,90%), o que expressa o fraco desempenho da produção industrial de Santa Catarina. As vendas industriais representaram, portanto, estoques. Houve, entretanto, elevação da média das remunerações pagas, em 3,46% em relação ao ano anterior, o que revela um quadro de elevação de custos em uma conjuntura de baixas vendas e decréscimo da produção industrial. Observa-se que, com exceção de 2010, que recupera parcialmente a perda das horas trabalhadas na produção em 2009, desde 2008 o estado tem diminuído as horas trabalhadas na produção. Os dados relativos à Utilização da Capacidade Instalada também revelam quedas consecutivas em toda a série desde 2005, com exceção dos anos de 2007 e 2010, como mostra o quadro 6.

Quadro 6 – Indicadores Industriais, Santa Catarina

Indicadores	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Vendas reais (faturamento real)	-11,89	-1,54	8,1	7,06	-6,64	3,41	2,55
Horas trabalhadas na produção	2,96	0,81	1,15	-1,67	-6,47	5,74	-1,06
Remunerações pagas (massa salarial real)	3,26	n.d	8,38	4,77	-3,27	6,39	3,46
Utilização da capacidade instalada							
Varição (pontos percentuais)	-2,24	-1,44	1,17	-0,32	-1,76	4,07	-2,90
Percentual médio	84,49	82,42	83,64	83,40	81,74	85,80	82,92

Fonte: FIESC

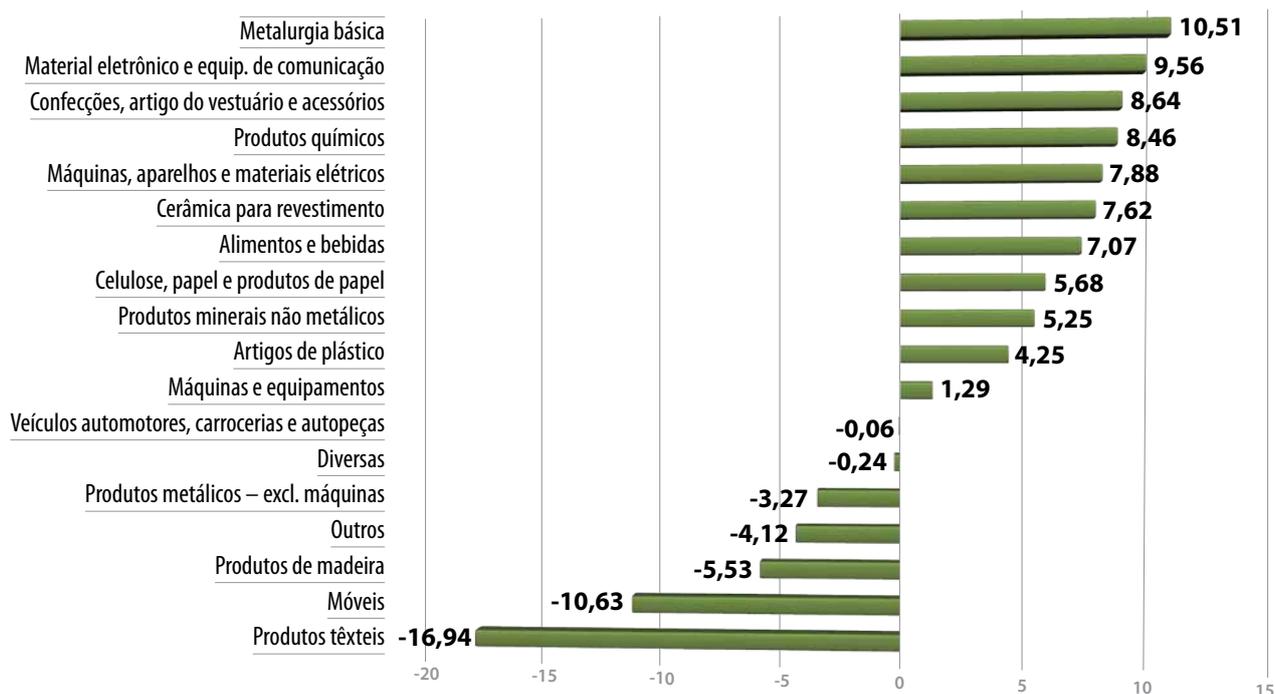
Os segmentos de atividade industrial que apresentaram maiores incrementos nas vendas industriais em 2011 foram Metalurgia Básica (10,5%), Material Eletrônico e de Comunicação (9,6%) e Confeccões (8,6%).

A indústria metalúrgica catarinense foi uma atividade industrial que se destacou em vendas em 2010 e manteve dinamismo em 2011. A indústria metalúrgica recupera o seu nível de atividade, extremamente deprimido em 2009, como mostra o gráfico 15. Como a elevação das vendas foi superior à elevação da produção industrial em 2011, sugere-se que houve formação de estoques no ano anterior. Em 2011, tanto os salários como as horas trabalhadas tiveram aproximadamente 12% de elevação em relação ao incremento de 2010, ano em que a metalurgia havia gerado expressivo aumento de produção, vendas, salários e horas trabalhadas.

A indústria de material eletrônico e equipamentos de comunicação registrou o maior crescimento de vendas da indústria catarinense em 2010 e ficou em segunda posição em termos de incremento de vendas em 2011. Essa indústria tem apresentado crescimento significativo de vendas nos últimos anos, acompanhado de incrementos na utilização da capacidade instalada. Destaca-se o aumento dos salários (21,26%) e das horas trabalhadas (9,4%), indicados no gráfico 14.

Gráfico 13 – Vendas Industriais de Santa Catarina, 2011

(Variação % sobre ano anterior)

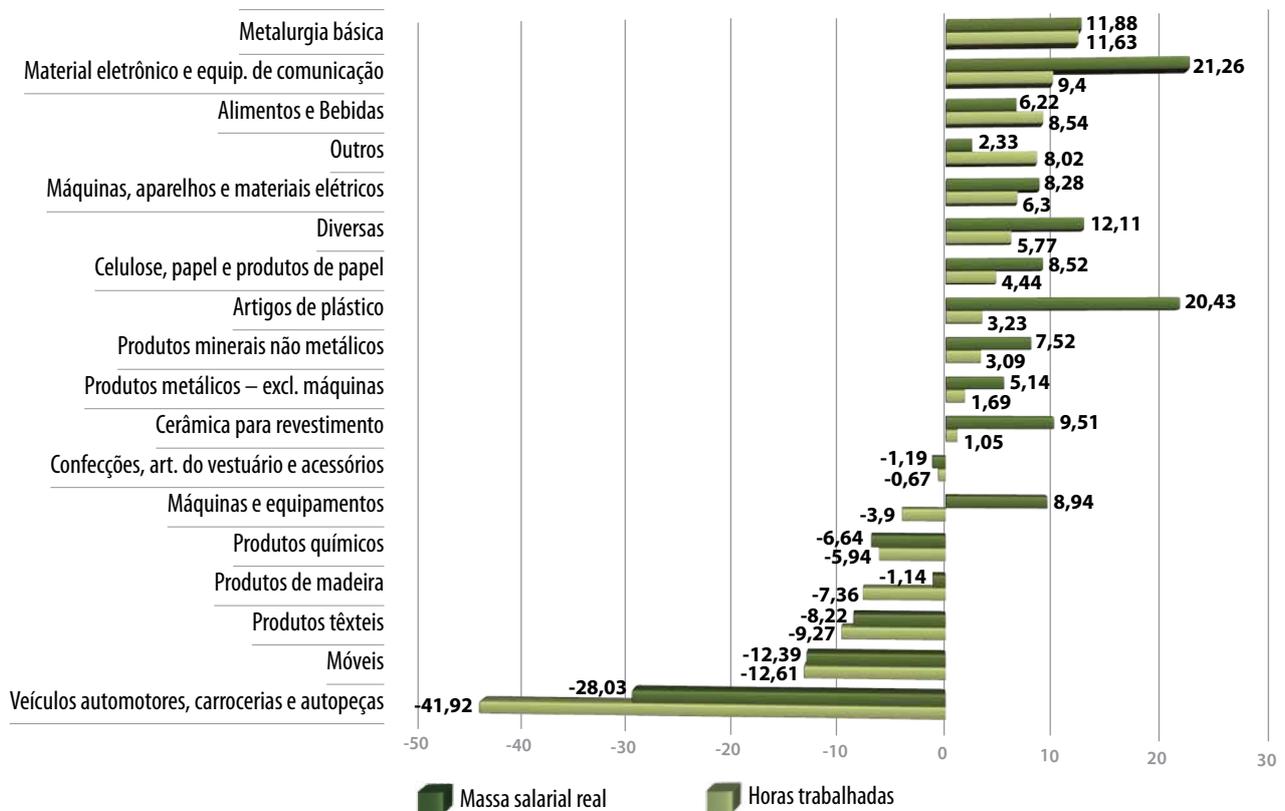


Fonte: FIESC

A indústria de confeccões apresentou crescimento de 8,6% nas vendas industriais, mas registrou queda das horas trabalhadas (-0,67) e dos salários pagos (-1,19) em relação ao ano anterior. Dos três anos analisados no gráfico 15, observa-se que 2011 foi o ano de menor capacidade instalada, o que revela a fragilidade da indústria de confeccões catarinense, apesar do incremento de vendas e da produção em relação a 2010.

Gráfico 14: Salários e Horas Trabalhadas na Indústria de Transformação de Santa Catarina, 2011.

Variação % sobre o ano anterior.



Fonte: FIESC

Os maiores destaques negativos de vendas da indústria catarinense em 2011 foram nos setores têxtil (-16,9%) e de móveis (-10,6%).

A indústria têxtil, além da queda de vendas, registrou queda das horas trabalhadas (-9,3%) e dos salários pagos (-8,2%), conforme mostra o gráfico 14. A utilização da capacidade instalada também foi a menor dos três anos analisados e a produção industrial decresceu mais de 17% em relação ao produzido no ano anterior, o que revela um quadro de expressiva retração da atividade da indústria têxtil. Os dados do emprego, apesar de agregados com a indústria de confeções, também indicam retração de -1,8% em relação ao ano anterior, como apresentado no quadro 7.

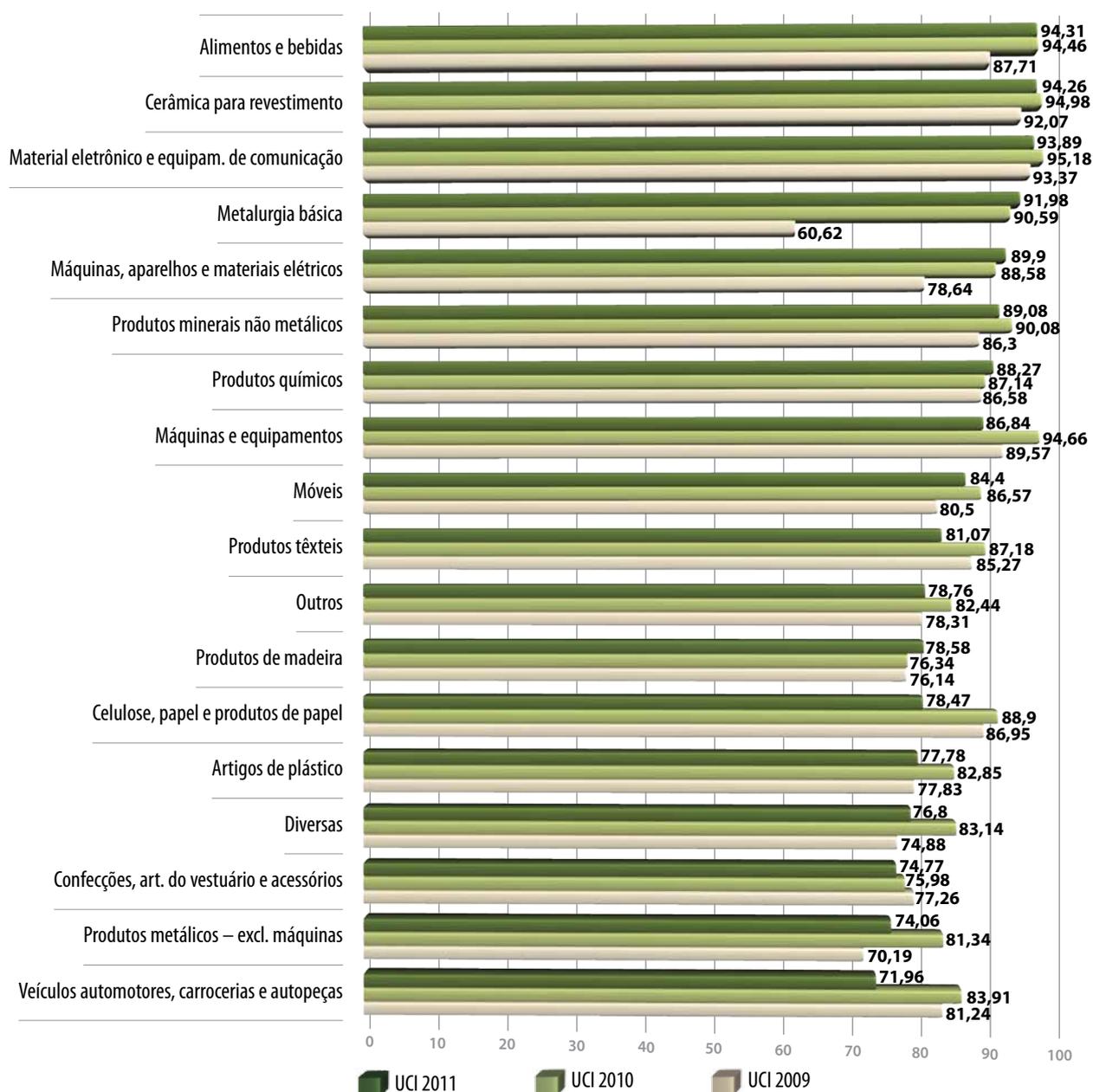
A indústria de móveis, além da queda das vendas em 2011, apresentou contração dos salários pagos (-12,39%) e das horas trabalhadas (-12,61%). Entretanto, a utilização da capacidade instalada, apesar de ser inferior à registrada em 2010, não foi menor do que em 2009. Verifica-se que a indústria de móveis e madeira de Santa Catarina vem apresentando dados que exprimem um cenário de retração de atividade. Considerado o emprego dessas duas indústrias, divulgado de forma agregada pelo CAGED (quadro 7), teve-se uma retração de 0,65% em 2011. Assim como a indústria de móveis, que registrou retração de vendas, horas trabalhadas e salários em 2011, a indústria madeireira apresentou queda de produção (-7,1%), vendas (-5,53%), salários (-1,14%) e horas trabalhadas (-7,36%).

Expressiva retração também é registrada pela indústria de veículos automotores. Com dois anos consecutivos de significativa retração da produção industrial, apresentou, em 2011, retração das horas trabalhadas (-42%), salários (-28,03%) e a utilização da capacidade instalada foi a menor dos últimos três anos.

Desempenho negativo em 2011 foi apresentado pela indústria de máquinas e equipamentos. Apesar das vendas aumentarem 1,29% em relação ao ano anterior, a indústria de máquinas registrou queda da produção (-9,64%), horas trabalhadas (-3,9%) e a capacidade instalada de 2011 foi a menor dos últimos três anos, dados que indicam que houve vendas de estoques. O emprego, apesar de registrar crescimento em 2011 (4,98%), teve incremento bem inferior ao de 2010. Os salários apresentaram elevação de 8,94%, o que também revela uma indústria pressionada pela elevação dos custos de produção. A indústria de alimentos, apesar de registrar pequena retração da produção industrial em 2010 e em 2011, registrou crescimento das vendas em 2011 (7,07%), aumento de salários (6,22%) e incremento das horas trabalhadas (8,54%). A utilização da capacidade instalada praticamente manteve-se inalterada nos dois anos analisados.

A indústria de máquinas, aparelhos e materiais elétricos, apesar de ter registrado uma queda significativa da produção (-17,37%), apresentou aumento de vendas (7,88%), salários (8,28%), horas trabalhadas (6,3%) e a capacidade instalada teve pequeno acréscimo em 2011 no comparativo com 2010.

Gráfico 15: Utilização da Capacidade Instalada da Indústria de Transformação de Santa Catarina, 2009, 2010, 2011. (%)



Fonte: FIESC

3.2 Emprego

Em Santa Catarina, o incremento do emprego na indústria foi de aproximadamente 4,7%, superado novamente pelo desempenho do comércio (5,79%), dos serviços (6,5%) e da indústria da construção civil (10,8%). Ressalta-se que o mesmo comportamento ocorreu em nível de Brasil, conforme apresentado anteriormente. De forma geral, o ano de 2011 não superou as taxas de expansão do emprego registradas em 2010, mas foi considerado um ano com indicadores positivos. Em Santa Catarina, com exceção das indústrias de madeira e mobiliário (-0,65%), indústria têxtil e de vestuário (-1,81%) e calçados (-8,52%), que diminuíram o emprego em 2011, todas as demais atividades registraram crescimento, como mostra o quadro 7.

Quadro 7 – Evolução do Emprego por Subsetores de Atividade Econômica, Santa Catarina, 2010 e 2011

Setores	Variação % 2010	Variação % 2011
TOTAL	6,93	4,74
1. EXTRATIVA MINERAL	3,97	0,70
2. INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	6,92	2,11
Produtos Minerais Não Metálicos	6,89	6,22
Metalúrgica	15,08	6,14
Mecânica	13,47	4,98
Materiais Elétricos e Comunicações	12,96	8,50
Materiais de Transporte	1,79	7,78
Madeira e Mobiliário	4,12	-0,65
Papel, Papelão, Editorial	3,24	4,48
Borracha, Fumo, Couros	4,65	0,66
Química, Produtos Farmacêuticos e Veterinários	8,07	0,94
Têxtil, Vestuário	5,38	-1,81
Calçados	11,04	-8,52
Prod. Alimentares e Bebidas	4,61	3,96
3. SERV. INDUST. DE UTIL. PÚBLICA	2,58	3,70
4. CONSTRUÇÃO CIVIL	10,42	10,81
5. COMÉRCIO	8,59	5,79
Comércio Varejista	8,45	5,61
Comércio Atacadista	9,28	6,61
6. SERVIÇOS	6,32	6,53
Instituições Financeiras	4,55	6,10
Comercialização e Administração de Imóveis e Serviços Técnicos-Profissionais	8,91	9,31
Transportes e Comunicações	7,49	7,20
Serviços Alojamento Aliment. Reparação e Manutenção	5,35	4,93
Serviços Médicos e Odontológicos	4,54	7,13
Ensino	3,85	4,17
7. ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	2,50	8,74
8. AGROPECUÁRIA	-0,54	-0,63

Fonte: MTE-Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - LEI 4923/65

3.3 Comércio Varejista

O comércio varejista de Santa Catarina em 2011 apresentou incremento superior ao desempenho do varejo brasileiro nas atividades de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (6,14%), hipermercados e supermercados (5,94%) tecidos, vestuário e calçados (3,89%), equipamento e materiais para escritório, informática e comunicação (25,52%), outros artigos de uso pessoal e doméstico (5,37%), veículos, motocicletas (9,37%) e materiais de construção (10,92%).

Ressalte-se que com exceção dos móveis e eletrodomésticos, materiais para escritório, informática e comunicação, artigos de uso pessoal e materiais de construção, o varejo de Santa Catarina cresceu menos em 2011 do que o registrado em 2010. Destaca-se a atividade de móveis e eletrodomésticos, que vem apresentando, em termos de Brasil, taxas de crescimento de vendas superiores a 16%, tanto em 2010 quanto em 2011 (16,58%), mas em Santa Catarina o crescimento das vendas desta atividade não chegou a 10% em 2011, assim como em 2010 não acompanhou o mesmo dinamismo das vendas brasileiras.

Quadro 8 – Volume de vendas no comércio varejista ampliado – Santa Catarina

Variação acumulada no ano
(base: igual período do ano anterior)

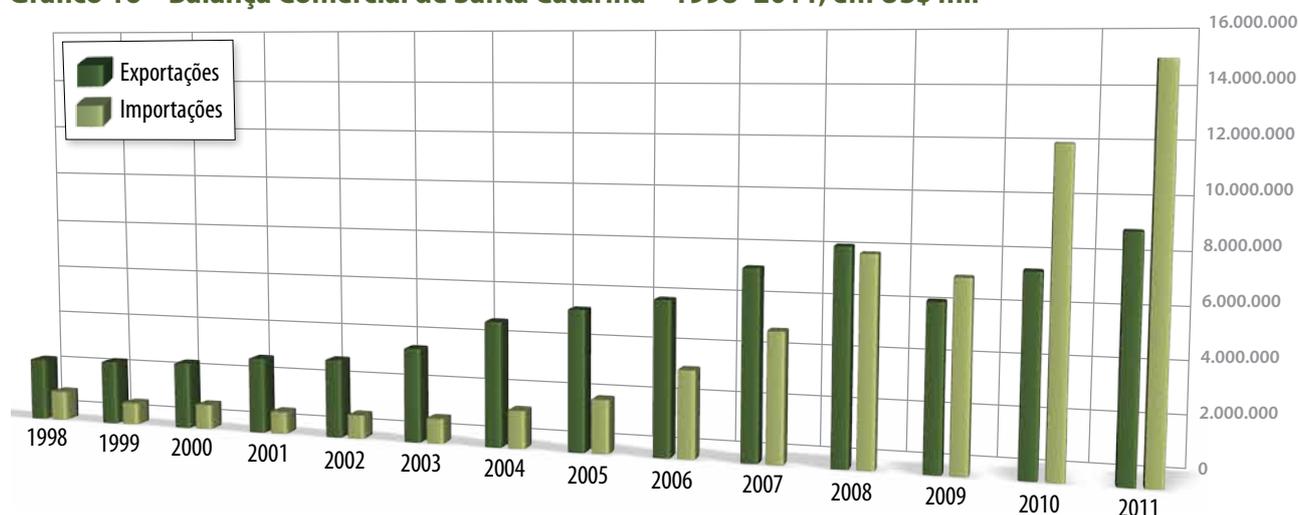
Atividades	2010	2011
Combustíveis e lubrificantes	7,09	1,36
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	7,08	6,14
Hipermercados e supermercados	6,59	5,94
Tecidos, vestuário e calçados	6,93	3,89
Móveis e eletrodomésticos	5,51	9,55
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	16,59	8,38
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,23	1,54
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	24,82	25,52
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	3,11	5,37
Veículos, motocicletas, partes e peças	15,38	9,37
Material de construção	9,87	10,92
TOTAL COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO	10,7	7,8

Fonte: IBGE

3.4 Balança Comercial

O estado de Santa Catarina exportou US\$ 9 bilhões em 2011, o que significou um acréscimo de 19,38% em relação ao ano anterior, expansão maior que a registrada em 2010. Os valores exportados por Santa Catarina corresponderam a 3,54% das exportações brasileiras, ficando o estado no décimo lugar no ranking dos estados exportadores brasileiros. As importações catarinenses apresentaram um incremento de 24%, inferior ao crescimento de 64,30% em 2010, resultado que mantém o estado deficitário na sua balança comercial, conforme mostra o gráfico 16. Em 2011, as importações totalizaram aproximadamente US\$ 14,8 bilhões. Ressalte-se que, desde 2004, as importações catarinenses crescem a taxas superiores às das exportações.

Gráfico 16 – Balança Comercial de Santa Catarina – 1998- 2011, em US\$ mil



Fonte: MDIC

Dentre os produtos exportados por Santa Catarina, em termos agregados, o estado exportou US\$ 4.128 milhões em produtos básicos e US\$ 4.916 milhões em produtos industrializados, o que configura um expressivo crescimento das exportações de produtos básicos, em um estado caracterizado por ser predominantemente exportador de produtos industrializados. Houve um crescimento de 26,3% na exportação de produtos básicos em 2011, enquanto que o crescimento da exportação de produtos industrializados foi de 14% em relação ao ano anterior.

Os produtos mais exportados por Santa Catarina em 2011 foram carnes de frango, fumo e motocompressores. Do total exportado pelo estado, as carnes de frango representam aproximadamente um quarto e registraram um incremento de 28% em relação ao ano anterior. O fumo, que responde por, aproximadamente, 10% das exportações catarinenses, em 2011 teve uma pequena expansão das vendas externas, de somente 2,4%. Destacam-se em 2011 as exportações de grãos de soja, carnes de suínos, carnes de frango, autopeças, motores e transformadores elétricos e resíduos da extração do óleo de soja, que registraram expressivas expansões de suas exportações em 2011, conforme mostra o quadro 9.

Quadro 9 - Os 10 produtos mais exportados por Santa Catarina em 2010 e 2011 (US\$)

Produtos exportados	2010	2011	Variação % anual	Participação % total 2011
Carnes de frango	1.737.636.504	2.226.094.432	28,1	24,6
Fumo	858.232.612	878.678.383	2,4	9,7
Motores, transformadores e geradores elétricos	452.231.018	591.226.656	30,7	6,5
Carnes de suínos	313.947.902	478.494.512	52,4	5,3
Motocompressores	460.132.827	470.707.175	2,3	5,2
Blocos de cilindros, cabeçotes	300.364.972	436.085.926	45,2	4,8
Prep. alimentos e conservas de galo/galinha	282.166.683	255.363.846	-9,5	2,8
Grãos de soja	139.295.028	215.347.062	54,6	2,4
Móveis de madeira	216.400.817	166.702.594	-23,0	1,8
Resíduos da extração do óleo de soja	16.087.368	147.467.341	816,7	1,6
Total dos 10 produtos	4.776.495.731	5.866.167.927	22,81	64,8
TOTAL EXPORTADO POR SANTA CATARINA	7.582.026.804	9.051.047.137	19,38	100,0

Fonte: MDIC/SECEX

Obs: para a seleção dos produtos foi utilizada a listagem dos 150 mais exportados e feita a soma de NCMs similares.

Em 2011 os Estados Unidos mantiveram-se como o principal mercado de destino das exportações catarinenses, apesar de terem apresentado um incremento das compras inferior ao registrado em 2010. Esse desempenho fez com que o país perdesse ainda mais participação no total exportado por Santa Catarina. Em 2010 o país respondeu por 11,9% do total, enquanto que em 2011 a participação caiu para 11%. A China novamente ganhou mais importância como mercado para as exportações catarinenses. Em 2009 a China respondeu por 1,7% das exportações catarinenses e em 2010 sua participação cresceu para 3,57%, sendo que em 2011 esse país já representou o quinto principal mercado para as exportações do estado, com 4,5% do total.

Quadro 10 - Os 10 principais países para os quais exportamos de janeiro a dezembro de 2010 e 2011 (US\$)

Países	2010	2011	Variação % anual	Participação total 2011 (%)
Estados Unidos	905.559.703	992.440.733	9,6	11,0
Japão	479.417.308	684.397.537	42,8	7,6
Argentina	550.288.136	678.510.792	23,3	7,5
Países Baixos	633.769.021	640.723.314	1,1	7,1
China	270.630.791	410.297.165	51,6	4,5
Reino Unido	300.308.522	368.911.813	22,8	4,1
Alemanha	304.760.034	367.067.169	20,4	4,1
Rússia	220.248.644	287.251.459	30,4	3,2
Hong Kong	204.275.870	280.591.212	37,4	3,1
México	287.358.708	280.402.365	-2,4	3,1
TOTAL DOS 10 PAÍSES	4.156.616.737	4.990.593.559	20,06	55,1

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior- MDIC
Secretaria de Comércio Exterior – SECEX – Sistema Alice

O principal produto importado em 2011 foi Cátodos de cobre, que representou, aproximadamente, 11% da pauta total importada, comportamento semelhante ao do ano anterior. Outros produtos relevantes são polietilenos e polímeros de etileno e fios de fibras artificiais de poliésteres, policloreto de vinila e polipropileno, que tiveram expressivos crescimentos de importações em 2011. A importação de alumínio apresentou significativo crescimento em 2011 (414%), conforme mostra o quadro 11.

Quadro 11 - Os 10 produtos mais importados por Santa Catarina em 2010 e 2011 (US\$)

Produtos importados	2010	2011	Variação % anual	Participação total 2011 (%)
Cátodos de cobre	1.423.060.142	1.577.610.147	10,9	10,6
Laminados de ferro e aço	702.140.634	488.409.328	-30,4	3,3
Polietilenos	388.031.081	486.217.836	25,3	3,3
Fios de fibras de poliésteres	297.662.360	361.363.650	21,4	2,4
Pneus	239.788.979	286.938.692	19,7	1,9
Polímeros de etileno	184.125.229	199.458.245	8,3	1,3
Fios texturizados (poliésteres e nylon)	197.097.985	186.515.610	-5,4	1,3
Policloreto de vinila	137.467.314	176.563.199	28,4	1,2
Polipropileno	115.475.444	176.508.597	52,9	1,2
Alumínio	25.965.510	133.550.825	414,3	0,9
Total dos 10 produtos	3.710.814.678	4.073.136.129	9,76	27,4
TOTAL IMPORTADO POR SANTA CATARINA	11.978.106.000	14.854.402.000	24,01	100,0

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC/SECEX

Obs.: para a seleção dos produtos foi utilizada a listagem dos 150 mais importados e feita a soma de NCMs similares.

Dentre os países de origem das importações catarinenses destaca-se, novamente, a China, que aumenta a sua participação no total importado por Santa Catarina a cada ano. Enquanto em 2006 a China representava 13,26% das importações catarinenses, em 2011 sua participação foi de 26,8%. Dentre os demais países destaca-se a Argentina, que perde participação ao longo dos anos. Enquanto em 2006 representava 17% das importações catarinenses, em 2010 sua participação caiu para 9% e em 2011 para 8,5%, apesar da expansão de 16,4% no total comprado por Santa Catarina do país.

Quadro 12 - Os 10 principais países dos quais Santa Catarina importou em 2010 e 2011 (US\$)

Produtos Importados	2010	2011	Variação % anual	Participação total 2011 (%)
China	3.105.432.662	3.977.652.482	28,1	26,8
Chile	1.436.229.373	1.547.762.296	7,8	10,4
Argentina	1.080.427.982	1.258.056.449	16,4	8,5
Estados Unidos	859.551.323	987.401.092	14,9	6,6
Alemanha	498.112.781	686.067.029	37,7	4,6
Peru	329.030.646	546.368.882	66,1	3,7
Coreia do Sul	422.217.482	446.623.379	5,8	3,0
Índia	425.554.563	407.694.047	-4,2	2,7
Itália	261.279.999	387.455.777	48,3	2,6
México	290.533.704	288.332.468	-0,8	1,9
TOTAL DOS 10 PAÍSES	8.708.370.515	10.533.413.901	20,96	70,9

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC/SECEX

4. Perspectivas para 2012

O cenário prospectivo para 2012 é de baixo crescimento da atividade global, haja vista a crise europeia, a desaceleração do comércio mundial e as tensões geopolíticas no Oriente Médio, além de persistirem riscos para a estabilidade financeira global. O ambiente já é recessivo em alguns países europeus, que contam com elevadas taxas de desemprego por longo período, necessidades de ajustes fiscais e limitado espaço para ações de política anticíclicas. Há uma percepção mais positiva em relação à atividade nos Estados Unidos, mas persistem riscos em relação à recente alta dos preços do petróleo e à perspectiva de contenção fiscal.

No mercado interno, o Banco Central do Brasil tem como cenário central um ritmo moderado de crescimento da atividade econômica, com tendência para aceleração ao longo do ano de 2012, consideradas as incertezas relativas às economias avançadas e a moderada atividade econômica brasileira que ocorreu no segundo semestre de 2011.

De acordo com relatório do Copom de março de 2012, o comportamento nas economias maduras é transmitido à demanda agregada nas economias emergentes em intensidade proporcional à corrente de comércio. Conforme apresentado anteriormente, as importações mundiais crescem abaixo do registrado nos anos anteriores e em ritmo equivalente a um quinto da média histórica, o que acarreta efeitos contrários à expansão do produto das economias emergentes em 2012. De acordo com a Confederação Nacional da Indústria, o PIB de 2012 não ultrapassará uma expansão de 3%.

Com menor ritmo de atividade econômica, cria-se um viés desinflacionário para 2012. No Brasil, o cenário central do Banco Central contempla continuidade do movimento de desaceleração do aumento de preços, apesar dos riscos advindos do mercado de trabalho que podem levar a aumentos reais dos salários em níveis não compatíveis com o crescimento da produtividade. Entretanto, os preços no atacado constituem-se em importante indicador de que as pressões de preços têm arrefecido. Em face desse cenário, cabe a previsão das instituições financeiras brasileiras que têm como expectativa uma queda da taxa Selic para 8% em 2012, no final do período, conforme Boletim Focus de 01 de junho.

A indústria terá um comportamento de baixa expansão do produto em 2012. As medidas de estímulo adotadas pelo governo não serão capazes de alterar as condições de valorização cambial e baixa competitividade da produção nacional. O índice de confiança do empresário brasileiro (ICEI), medido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), tem indicado uma diminuição da confiança do empresário em relação ao futuro da economia. No acumulado de 12 meses, esse indicador apresentou queda de 8,10%. Nos primeiros cinco meses do ano de 2012, o ICEI apresentou queda de 3,70% em relação ao mesmo período de 2011. As projeções realizadas pelas principais instituições financeiras do país, apresentadas pelo Boletim Focus do Banco Central, em 01 de junho de 2012, mostram que as projeções para a produção industrial vêm caindo ao longo do ano. A CNI projeta para 2012 uma expansão do PIB industrial brasileiro de 2% em relação a 2011. Para a indústria de transformação a projeção é 1,5% de expansão em 2012.

Os dados apresentados indicam que as indústrias brasileira e catarinense perdem competitividade, pressionadas pelos altos custos, tanto advindos dos aumentos salariais quanto dos custos de energia e tributação, além dos problemas logísticos. Os setores de serviços, por não sofrerem a concorrência do produto importado, e a agropecuária, por usufruir de elevados preços internacionais, puderam absorver os maiores custos, o que não foi o caso da indústria.

Altos custos e baixos padrões de produtividade, associados à valorização do real, tornam o Brasil um local não atrativo à produção em um contexto de crise econômica internacional, marcado por baixas taxas de crescimento do comércio mundial.

No curto prazo, a redução da taxa básica de juros e a elevação do salário mínimo, que ampliarão o consumo de alguns setores que contam com baixa penetração das importações, como alimentos e bebidas, podem ser fatores de estímulo à indústria, mas não serão capazes de garantir um crescimento relevante.

Confederação Nacional da Indústria – Projeções para a economia brasileira em 2012

	2010	2011	2012 projeção anterior dezembro/12	2012 projeção
Atividade econômica				
PIB (variação anual)	7,5%	2,7%	3,0%	3,0%
PIB industrial (variação anual)	10,4%	1,6%	2,3%	2,0%
Consumo das famílias (variação anual)	6,9%	4,1%	4,0%	4,0%
Formação bruta de capital fixo (variação anual)	21,3%	4,7%	5,0%	5,6%
Taxa de desemprego (média anual - % da PEA)	6,7%	5,9%	5,8%	5,5%
Inflação				
Inflação (IPCA - variação anual)	5,9%	6,5%	5,2%	5,0%
Taxa de juros				
Taxa nominal de juros				
(taxa média do ano)	9,90%	11,76%	10,12%	9,39%
(fim do ano)	10,75%	11,00%	10,00%	9,00%
Taxa real de juros				
(taxa média anual e deflação: IPCA)	4,6%	4,8%	4,4%	4,0%
Contas públicas				
Déficit público nominal (% do PIB)	2,55%	2,61%	2,60%	2,45%
Superávit público primário (% do PIB)	2,77%	3,10%	3,00%	2,75%
Dívida pública líquida (% do PIB)	40,2%	36,4%	38,6%	36,0%
Taxa de câmbio				
Taxa nominal de câmbio - R\$/US\$				
(média de dezembro)	1,69	1,83	1,80	1,80
(média do ano)	1,76	1,67	1,80	1,80
Setor externo				
Exportações (US\$ bilhões)	201,9	256,0	275,4	275,4
Importações (US\$ bilhões)	181,6	226,2	254,6	254,6
Saldo comercial (US\$ bilhões)	20,3	29,8	20,8	20,8
Saldo em conta corrente (US\$ bilhões)	-47,5	-52,9	-56,0	-58,0

Fonte: CNI – Informe Conjuntural janeiro/março de 2012.

BRDE

FINANCIAMENTOS.

A MELHOR

OPORTUNIDADE

PARA CRESCER.

Agência de Santa Catarina
Av. Hercílio Luz, 617
Florianópolis - SC
Fone: (48) 3221.8000
brdeflo@brde.com.br

Escritório de Joinville
Av. Aluisio Pires Condeixa, 2550
Saguaçu - Joinville - SC
Fones: (47) 3461.3333 - (48) 9151.9671

Escritório de Chapecó
Av. Getúlio Vargas, 1748-N
Chapecó - SC
Fones: (49) 3323.4100 - (48) 9156.3096

- Compra de equipamentos nacionais novos.
 - Até 10 anos para pagar.
 - Prazo de carência de até 2 anos.

Juros fixos de
5,5%
ao ano*.

ITENS FINANCIÁVEIS:

Máquinas e equipamentos novos, aí incluídos conjuntos e sistemas industriais, máquinas-ferramentas, equipamentos para armazenagem e irrigação, tratores, colheitadeiras, implementos agrícolas e máquinas rodoviárias e equipamentos para pavimentação.

QUEM PODE SER FINANCIADO:

Micro, Pequenas, Médias Empresas e Produtores Rurais (até 100% dos itens financiáveis) e Grandes Empresas (juros fixos de 7,3% ao ano e até 90% do valor dos itens financiáveis).

www.brde.com.br



BANCO REGIONAL DE
DESENVOLVIMENTO DO
EXTREMO SUL

Diretoria FIESC

Presidente – **Glauco José Côrte**
 1º Vice-Presidente – **Mario Cezar de Aguiar**
 Diretor 1º Secretário – **Edvaldo Ângelo**
 Diretor 2º Secretário – **Cid Erwin Lang**
 Diretor 1º Tesoureiro – **César Murilo Barbi**
 Diretor 2º Tesoureiro – **Carlos Toniolo**

Vice-Presidentes para Assuntos Regionais

Gilberto Seleme – Centro-Norte
Alfredo Piotrovski – Litoral Sul
Jorge Luiz Strehl – Vale do Itajaí
Álvaro Luis de Mendonça – Alto Uruguai Catarinense
Vitor Mário Zanetti – Sudeste
Lino Rohden – Alto Vale do Itajaí
Célio Bayer – Vale do Itapocu
Diomício Vidal – Sul
Giordan Heidrich – Serra Catarinense
Anselmo Zanellato – Centro-Oeste
Astor Kist – Extremo Oeste
Maurício Cesar Pereira – Foz do Rio Itajaí
Udo Döhler – Norte-Nordeste
Waldemar Antonio Schmitz – Oeste
Arnaldo Huebl – Planalto Norte

Vice-Presidentes para Assuntos Estratégicos

Michel Miguel
Mário Lanznaster
Ney Osvaldo Silva Filho
Ingo Fischer
Rui Altenburg

Diretores

Adalberto Roeder
Albano Schmidt
Aldo Apolinário João
Alexandre d'Ávila da Cunha
Amilcar Nicolau Pelaez
Bárbara Paludo
Carlos Alberto Barbosa Mattos
Carlos Frederico da Cunha Teixeira
Charles Alfredo Bretzke
Charles José Postali
Conrado Coelho Costa Filho
Dario Luiz Vitali
Egon Werner
Evair Oenning
Flavio José Martins
Ida Áurea da Costa
Israel José Marcon
Jacir Pamplona
Luiz Antônio Botega
Luiz Cesar Meneghetti
Olvacir José Bez Fontana
Osni Carlos Verona
Otmar Josef Müller
Pedro Leal da Silva Neto
Roberto Marcondes de Mattos
Walgenor Teixeira

Conselho Fiscal

Efetivos

Leonir João Pinheiro
Fred Rubens Karsten
Tito Alfredo Schmitt

Suplentes

Amauri Eduardo Kollross
Celso Panceri
Flávio Henrique Fett

Delegação junto à CNI

Efetivos

Glauco José Côrte
Alcantaro Corrêa

Suplentes

Mario Cezar de Aguiar
João Stramosk

Diretoria Ciesc

Presidente – **Glauco José Côrte**
 Vice-Presidente – **Mario Cezar de Aguiar**
 Diretora 1ª Secretária – **Sílvia Hoepcke da Silva**
 Diretor 2º Secretário – **José Fernando da Silva Rocha**
 Diretor 1º Tesoureiro – **Luciano Flávio Andriani**
 Diretor 2º Tesoureiro – **Aldo Nienkötter**

Conselho Consultivo

Adolfo Fey
César Gomes Junior
Cláudio Roberto Grando
Evandro Müller de Castro
Hilton Siqueira Leonetti
Jair Philippi
João Paulo Schmalz
José Adami Neto
Nivaldo Pinheiro
Noiodá José Damiani
Odelir Battistella
Rafael Boeing

Conselho Fiscal

Efetivos

Ademar Avi
Juarez de Magalhães Rigon
Marcelo Rodrigues

Suplentes

Luiz Gonzaga Coelho
Márcio Anselmo Ribeiro
Marconi Leonardo Pascoal

Diretoria SESI

Conselho Regional de Santa Catarina

Presidente – Glauco José Côrte
Vice-Presidente – Mario Cezar de Aguiar
Representante da FIESC – Henrique de Bastos Malta

Representantes da Indústria

Titulares

José Fernando da Silva Rocha
Luís Angelo Noronha de Figueiredo
Luís Carlos Guedes
Luís Eduardo Broering

Suplentes

Ademir José Pereira
Alfredo Ender
Eliezer da Silva Matos
Ramiro Cardoso

Representantes Institucionais

Titulares

Ari Oliveira Alano – Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de SC
Célio Goulart – Governo do Estado de Santa Catarina
Rodrigo Minotto – Ministério do Trabalho e Emprego

Suplentes

Carlos Alberto Baldissera – Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de SC
Antônio Carlos Poletini – Governo do Estado de Santa Catarina
Alberto Caponi Causs – Ministério do Trabalho e Emprego

Diretoria SENAI

Conselho Regional de Santa Catarina

Presidente – Glauco José Côrte
Vice-Presidente – Mario Cezar de Aguiar
Representante da FIESC – Helio Cesar Bairros

Representantes da Indústria

Titulares

Cesar Augusto Olsen
Sergio Augusto Carvalho da Silva
Maria Regina de Loyola R. Alves
Ulrich Kühn

Suplentes

Cidnei Luiz Barozzi
Oswaldo Luciani
Vilmar Radin
Vincenzo Francesco Mastrogiacomio

Representantes Institucionais

Titulares

Rodrigo Minotto – Ministério do Trabalho e Emprego
Maria Clara Kaschny Schneider – Ministério da Educação
Carlos Artur Barboza – Trabalhadores da Indústria

Suplentes

Alberto Roberto Causs – Ministério do Trabalho e Emprego
Silvana Rosa Lisboa de Sá – Ministério da Educação
Altamiro Perdoná – Trabalhadores da Indústria

Diretoria IEL

Presidente – Glauco José Côrte
Vice-Presidente – Mario Cezar de Aguiar
Diretor Tesoureiro – Luciano Flávio Andriani
Representante da FIESC – Bárbara Paludo

Conselho Consultivo

Efetivos

Ângela Teresa Zorzo Dal Piva
Hans Heinrich Bethe
Lurivam Bortoli
Murilo Ghisoni Bortoluzzi
Vilmar Radin
Ronaldo Benkendorf
Valter Ros de Souza

Suplentes

Álvaro Schwegler
Alceu Grade
Celso Marcolin
Eduardo Seleme
Heleny Mendonça Meister
Maury Santos Júnior
Orlindo da Silva

Conselho Fiscal

Efetivos

Ilton Paschoal Rotta
José Suppi
Marcus Schlösser

Suplentes

Almir Manoel Atanázio dos Santos
Marlene Pitt Dullius
Roseli Steiner Hang



BANCO REGIONAL DE
DESENVOLVIMENTO DO
EXTREMO SUL

Fone: 48-32218000
e-mail: brdeflo@brde.com.br
Internet: www.brde.com.br

Diretoria do BRDE

Diretor-Presidente – Renato de Mello Vianna - SC
Vice-Presidente e Diretor de Planejamento – Carlos Henrique Horn - RS
Diretor Administrativo – José Hermeto Hoffmann- RS
Diretor Financeiro – Jorge Gomes Rosa Filho - PR
Diretor de Operações – Neuto Fausto de Conto - SC
Diretor de Acompanhamento e Recuperação de Créditos – Nivaldo Assis Pagliari - PR



Rodovia Admar Gonzaga, 2.765 - Itacorubi - Florianópolis/SC - CEP 88034-001
Fone: (48) 3231-4279 - Fax: (48) 3334-0608
e-mail: fiesc-pei@fiescnet.com.br
www.fiescnet.com.br/pei

Mais de 42 mil empresas representadas,
600 mil acessos anuais na web e
52 mil envios mensais de newsletter.



MediaKit FIESC

Nossa indústria também produz visibilidade

Transforme visibilidade em oportunidades de negócio e comunique-se diretamente com o setor industrial catarinense, anunciando nos canais de comunicação estratégicos da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina.

Ligue 48 3332 3031, teclie anuncio@fiescnet.com.br
ou acesse www.fiescnet.com.br



FIESC
CIESC
SESI
SENAI
IEL

— Sistema
— **FIESC** —

A FORÇA DA INDÚSTRIA CATARINENSE